

2.^a SÉRIE
2.º TRIMESTRE

FILOSOFIA

Professor Fábio Luiz de Almeida Mesquita

2018

SUMÁRIO

Apresentação.....	5
Competências da área (Matriz de Referência do Enem)	6
Eixo estruturante da área	7
Fundamentos da Filosofia – Eixo Temático e Conteúdos	9
Teoria do conhecimento (“fenômeno: humano e social” específico da série).....	10
Ética: educação, emancipação, liberdade e felicidade (“fenômeno: humano e social” específico da série).....	10
Planejamento das aulas – Uma aula semanal.....	11
Texto 1 – Liberdade de Expressão (2015).....	12
Texto 2 – Existencialismo É um Humanismo	17
Texto 3 – O Segundo Sexo	31
Texto 4 – Educação após Auschwitz	39
A Filosofia no Enem e nos Vestibulares (Sartre, Liberdade e Existencialismo)	53
Gabarito.....	63

Apresentação

Este curso de Filosofia tem como objetivo central introduzir os alunos da 2.^a série do Ensino Médio na Filosofia, a partir de dois grandes eixos temáticos: TEORIA DO CONHECIMENTO/ EPISTEMOLOGIA (1.º Trimestre) E ÉTICA (Liberdade, educação e emancipação – 2.º Trimestre – e Felicidade – 3.º Trimestre). Queremos mostrar que a filosofia está viva, faz parte do nosso dia a dia e nos ajuda a pensar sobre o que acontece ao nosso redor. Esses temas filosóficos serão explorados a fim de que o aluno, no final do ano, tenha explorado o universo, a natureza, a cultura, “o mundo” em que vive; pensado sobre a construção de sua própria identidade e refletido sobre sua relação com o próximo.

Ao mesmo tempo em que exploramos esses temas, vamos conhecer a história da filosofia moderna e contemporânea, por isso refletiremos sobre os pensamentos dos seguintes filósofos:

- René Descartes (Racionalismo)
- John Locke (Empirismo)
- David Hume (Empirismo e Ceticismo)
- Immanuel Kant (Crítico – Teoria do Conhecimento e Ética do Dever)
- Jean-Paul Sartre (Existencialismo)
- Theodor Adorno (Escola de Frankfurt)
- Max Horkheimer (Escola de Frankfurt)
- Arthur Schopenhauer (Teoria da Vontade e Ética da Compaixão)
- Friedrich Nietzsche (Gênese das Morais)
- Sigmund Freud (Psicanálise)

Blog: <https://fabiomesquita.wordpress.com/>
E-mail: fabio.mesquita@saoluis.org

■ COMPETÊNCIAS DA ÁREA (MATRIZ DE REFERÊNCIA DO ENEM)**MATRIZ DE REFERÊNCIA PARA O ENEM 2011****Matriz de Referência de Ciências Humanas e suas Tecnologias**

- H1** – Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.
- H2** – Analisar a produção da memória pelas sociedades humanas.
- H3** – Associar as manifestações culturais do presente aos seus processos históricos.
- H4** – Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.
- H5** – Identificar as manifestações ou representações da diversidade do patrimônio cultural e artístico em diferentes sociedades.
- H11** – Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.
- H13** – Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.
- H14** – Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situação ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.
- H15** – Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da história.
- H16** – Identificar registros sobre o papel das técnicas e tecnologias na organização do trabalho e/ou da vida social.
- H22** – Analisar as lutas sociais e conquistas obtidas no que se refere às mudanças nas legislações ou nas políticas públicas.
- H23** – Analisar a importância dos valores éticos na estruturação política das sociedades.
- H24** – Relacionar cidadania e democracia na organização das sociedades.
- H25** – Identificar estratégias que promovam formas de inclusão social.

■ EIXO ESTRUTURANTE DA ÁREA

FENÔMENO: HUMANO E SOCIAL

O conceito fenômeno é compreendido pela filosofia de diversas maneiras, respeitando-se tempo e espaço de sua elaboração. Como exemplo, citamos Descartes (*Principia Philosophiae*, 1644, III, 4), Bacon (*De interpretatione naturae proemium*, 1603), Galileu (*Dialogo sopra i due massimi sistemi del mondo*, 1624) e Hobbes (*De corpore*, 1655, 25, parág. 1), que conceberam o fenômeno como sinônimo de aparência, daquilo que é observável, que pode ser visto, objetos sensorialmente percebidos. De modo distinto, em Kant, o fenômeno é dado como oposto à coisa em si, essência incognoscível do mundo (númeno). Na filosofia kantiana, tal conceito não se restringe àquilo que se manifesta, mas é aquilo que se manifesta ao homem nas condições limitativas de seu próprio conhecimento (tempo, espaço e categorias do intelecto). Tudo aquilo que extrapola tais limites e não possui relação entre o sujeito e o objeto recai no campo da mera especulação filosófica.

Nesse cenário complexo e conflitante, faz-se necessário especificar o que entendemos por fenômeno e explicar a razão de ele ser o nosso eixo estruturante. Nosso ponto de apoio se encontra na filosofia contemporânea, em Husserl (*Investigações Lógicas* – 1900-1901), que define o fenômeno não só como o que aparece ou se manifesta ao homem em condições particulares, mas aquilo que aparece ou se manifesta em si mesmo, como é em si, na sua essência. Desse modo, enquanto eixo estruturante, o fenômeno é compreendido de modo fenomenológico, ou seja, os fenômenos são objetos revelados, manifestos e devem ser estudados levando em consideração sua essência, em si mesmos. Merleau-Ponty (*Phénoménologie de la Perception, Préface*, 1945) define a fenomenologia como “o estudo das essências, e todos os problemas, segundo a fenomenologia, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua facticidade (particularidade).”

Por essa razão, tratar o eixo estruturante de nossas disciplinas com a palavra “fenômeno”, especificamente, o “humano” e o “social”, é lançar luz aos estudos dos conhecimentos que se fazem presentes nos fatos manifestos e, ao mesmo tempo, às essências daquilo que nos aparece. Nosso foco serão os fenômenos humanos e sociais, isto quer dizer, analisaremos temas como ciência, estética, lógica, cultura, antropologia, psicologia, sociologia, filosofia, história, religião, mitologia, natureza etc. Não nos restringimos ao mero aparente, pois se fizéssemos isso nos reduziríamos àquilo que se manifesta. Vamos além disso. Preocupamo-nos em conhecer o mundo por aquilo que nos é dado como fato religioso, social e filosófico, mas não apenas isso, queremos, principalmente, investigar a essência, aquilo que não está posto, não manifesto e que possui importância fundamental na compreensão de si próprio, do outro e do mundo.

2

Fundamentos da Filosofia – Eixo Temático e Conteúdos

Objetivos

Ampliar os estudos do componente curricular a partir de duas temáticas filosóficas: (1) Teoria do Conhecimento/Epistemologia; (2) Ética: liberdade, educação, emancipação, liberdade e felicidade. Tais temas são tratados de modo interdisciplinar, principalmente com Sociologia e Ensino Religioso, visando a formação de um ser humano mais crítico e com uma consciência mais integral.

1.º TRIMESTRE**■ TEORIA DO CONHECIMENTO (“FENÔMENO: HUMANO E SOCIAL” ESPECÍFICO DA SÉRIE)**

Validar todo o conhecimento humano, todos os fenômenos possíveis e existentes, eis a tarefa desta área filosófica. Os problemas apresentados são de elevada magnitude, pois, caso não sejam respondidos, colocam-se em xeque todos os conhecimentos possíveis. Nesse sentido, todos os fenômenos, todos os componentes curriculares, todo o conhecimento humano produzido até hoje pode ser foco de engano, ilusão e erro. A epistemologia ou teoria do conhecimento é responsável em apresentar as etapas e os limites do conhecimento, especificamente, nas relações que se estabelecem entre o sujeito indagativo e o objeto inerte, as duas polaridades tradicionais do processo cognitivo. Sabe-se que a teoria do conhecimento surge de modo autônomo na Idade Moderna, a partir das indagações metafísicas de Descartes, Locke, Hume, todos mergulhados no conflito entre racionalistas, empiristas e céticos. Esses debates culminaram na crítica da razão produzida por Kant no século XVIII.

2.º e 3.º TRIMESTRES**■ ÉTICA: EDUCAÇÃO, EMANCIPAÇÃO, LIBERDADE E FELICIDADE (“FENÔMENO: HUMANO E SOCIAL” ESPECÍFICO DA SÉRIE)**

A convivência em sociedade é uma necessidade humana, no entanto, ninguém nasce sabendo como se portar moralmente, o certo e o errado a fazer. Por isso, é necessário aprender a viver em sociedade. É essencial que no nosso processo de formação consigamos superar o egocentrismo e construir um ser humano mais compassivo e empático. Com o objetivo de educar as novas gerações, é comum e problemático desenvolvermos técnicas de doutrinação, as quais não geram autonomia e reflexão crítica. Embora na fase da heteronomia as crianças necessitem de regras que vêm de fora, aos poucos é preciso abrir espaços de discussão e clarificação de valores, de modo a estimular o processo de adesão pessoal às normas, que permitirão o exercício futuro da autonomia na vida adulta.

Nesse sentido, enquanto estudo de fenômenos sociais, a ética nos auxilia no entendimento de nós mesmos inseridos num mundo plural, multimoral, repleto de valores, regras de convivência, normas, leis etc. Compreender a estrutura desse mundo, suas conexões, relações de causa e efeito a partir da ação moral, é o foco central de investigarmos essa especificidade de nosso eixo estruturante. Vale destacar que um dos quatro objetivos da LDB 9393/96 para o Ensino Médio é “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. Por essa razão, nota-se que a ética, entendida como parte do nosso eixo estruturante “Fenômeno: Social e Humano”, perpassa por vários temas, conceitos e conteúdos essenciais da filosofia, conseguindo se integrar com outros componentes curriculares, especificamente história, geografia, literatura, sociologia e ensino religioso. Sendo assim, conceitos transversais serão explorados pela filosofia durante a série, podendo ser, ao mesmo tempo, contemplados por outras áreas do conhecimento. Vale destacar os conceitos a que nos referimos: epistemologia, racionalismo, empirismo, iluminismo (esclarecimento), ceticismo, criticismo, indústria cultural, cultura de massa, razão instrumental, sociedade unidimensional, contracultura, autonomia, heteronomia, liberdade, responsabilidade, contingência, angústia, existência, essência, igualdade, felicidade, imperativo categórico, cosmopolitismo, vontade, inconsciente e psicanálise.

■ PLANEJAMENTO DAS AULAS – UMA AULA SEMANAL

- Aula 1** – **Liberdade de expressão.** Liberdade plena, censura, limite, discurso de ódio. Problematizar respostas a partir de questão norteadora comum. Comparar as respostas referentes à liberdade de expressão.
- Aula 2** – **Liberdade de expressão.** Liberdade plena, censura, limite, discurso de ódio. Problematizar respostas a partir de questão norteadora comum. Comparar as respostas referentes à liberdade de expressão.
- Aula 3** – **Jean-Paul Sartre:** Existencialismo. Liberdade, responsabilidade, consequência, contingência, angústia, existência, essência e igualdade. Ler texto filosófico. Analisar a resposta existencialista para o problema da liberdade.
- Aula 4** – **Jean-Paul Sartre:** Existencialismo. Liberdade, responsabilidade, consequência, contingência, angústia, existência, essência e igualdade. Ler texto filosófico. Analisar a resposta existencialista para o problema da liberdade.
- Aula 5** – **Simone de Beauvoir:** Existencialismo. Mulher, Liberdade, responsabilidade, consequência, contingência, angústia, existência, essência e igualdade. Ler texto filosófico. Analisar a resposta existencialista para o problema da liberdade.
- Aula 6** – **Simone de Beauvoir:** Existencialismo. Mulher, Liberdade, responsabilidade, consequência, contingência, angústia, existência, essência e igualdade. Ler texto filosófico. Analisar a resposta existencialista para o problema da liberdade.
- Aula 7** – **Theodor Adorno:** Educação e emancipação. Educação, emancipação, heteronomia, autonomia, reflexão crítica, esclarecimento, crítica social, crítica à educação e liberdade. Sensibilizar a própria postura do aluno no processo de educação. Analisar a atuação dos próprios alunos na educação. Estabelecer o modelo vigente de educação. Levantar hipóteses de soluções para os problemas apresentados. Ler texto filosófico.
- Aula 8** – **Theodor Adorno:** Educação e emancipação. Educação, emancipação, heteronomia, autonomia, reflexão crítica, esclarecimento, crítica social, crítica à educação e liberdade. Sensibilizar a própria postura do aluno no processo de educação. Analisar a atuação dos próprios alunos na educação. Estabelecer o modelo vigente de educação. Levantar hipóteses de soluções para os problemas apresentados. Ler texto filosófico.

Arquivo para baixar
que ppt



<https://goo.gl/G0Rc9m>

Unesco – Liberdade
de expressão no Brasil



Dia Mundial da
Liberdade de
Imprensa

<https://goo.gl/VVpc17>

A Unesco promove a liberdade de expressão e a liberdade de imprensa como um direito humano fundamental por meio de atividades de sensibilização e monitoramento. A Organização também advoca a independência da mídia e o pluralismo como pré-requisitos e fatores principais de democratização e construção de paz e tolerância ao prover serviços de assessoria em legislação midiática e sensibilização de governos, parlamentares e demais tomadores de decisão.

Texto jornalístico

**Liberdade de expressão
no Brasil e nos EUA**

“A constituição americana enxerga o direito do cidadão de expressar sua opinião como sendo fundamental em uma democracia. Tanto assim que, em 1978, os tribunais americanos se negaram a impedir que neonazistas, usando suásticas, fizessem uma marcha em um subúrbio judaico de Chicago.”

Fonte: <https://goo.gl/YfYdtx>

■ TEXTO 1 – LIBERDADE DE EXPRESSÃO (2015)

Autor: Fábio Mesquita

“Se muitas pessoas se interessam pela liberdade de expressão, ela existirá mesmo que a lei proíba. Se o povo for inerte, minorias serão perseguidas, mesmo que a lei as proteja.”

(George Orwell)

Julgo que existam três grandes posicionamentos sobre o tema liberdade de expressão. Estou certo de que existem outros posicionamentos possíveis, no entanto, para fins didáticos, farei uma breve reflexão para aqueles que penso serem os mais importantes. É fato que em todos encontramos pontos favoráveis e desfavoráveis. É necessário pensarmos os ganhos e as perdas a partir de um modelo de sociedade e de ser humano que queremos vigorar no mundo. É sinal de ingenuidade e imaturidade sobre o assunto não levar em consideração as dificuldades de aplicabilidade das possíveis soluções encontradas para cada um dos posicionamentos. Sendo assim, seguem os principais posicionamentos:

1. Liberdade de expressão plena

Falar tudo o que se pensa, sem nenhuma restrição, tendo como limite último discursos que não incitem a violência (diferença fundamental entre agressão verbal e física).

Aspectos positivos: Há maior liberdade e um “possível desenvolvimento” da sociedade em conviver com o diferente. Todos os discursos são possíveis e podemos até classificá-los como fanáticos, irreflexivos, sem senso crítico, ideológicos, racistas, homofóbicos etc. É dado o direito de falar tudo aquilo o que se pensa, assim como o de responder “à altura” os discursos com os quais não concordamos. O diálogo/debate/discussão constante entre os membros da sociedade pode direcionar o povo para uma maior maturidade.

Aspectos negativos ou problemáticos: Relativização sobre aquilo que é violento ou não. A violência moral e a violência da palavra não se enquadram, por exemplo, no modelo defendido pelos EUA. Para eles, a violência como limite se restringe à violência física ou às palavras que incitam as violências físicas.

Os EUA defendem abertamente o direito de se exprimir, apesar de ser questionável até que ponto o povo estadunidense exerça tal direito. São vários os exemplos nos quais existiu punição para aqueles que defenderam abertamente suas ideologias, e isso sem ter incitado a violência. Sugiro que assistam ao documentário “Liberdade de Expressão nos EUA”. Creio que o ponto mais problemático em defender essa ideia seja a desigualdade de direitos entre os membros que compõem a sociedade. Os grupos minoritários, excluídos ou que não tenham poder político, social, econômico e/ou

intelectual estão expostos a serem violentados moralmente e fisicamente, sendo obrigados a ouvir discursos que os rebaixam e os desclassificam. Vidas são destruídas, discursos de ódio são proferidos, tudo em prol do direito de liberdade de expressão.

2. Liberdade de expressão parcial

Existência de limites claros para se exprimir, sendo necessário, ao mesmo tempo, assegurar a todos igualdade de direitos e de deveres.

Aspectos positivos: Como vivemos em sociedades desiguais, grupos minoritários seriam protegidos pelo Estado. Racismo é crime no Brasil. Homofobia, talvez dentro em breve, também será. Nesse sentido, aqueles que sofrem por não se adequarem a determinado padrão normativo teriam o apoio estatal em terem seus direitos assegurados.

Aspectos negativos: Não são claros quais os limites para a liberdade de expressão. Aqueles que defendem esse discurso acabam sendo **intolerantes contra os intolerantes**, algo que, no meu ponto de vista, gera um **problema paradoxal**.

Aqueles que não defendem a plena liberdade de expressão devem pensar sobre a intromissão e o controle moral do Estado. O Estado como ser moralizador pode, em alguns momentos, manipular e controlar o povo para diversas posições. Em momentos de crise (política, econômica etc), é sabido que a liberdade de expressão é colocada em risco, e discursos moralizantes/castradores surgem excluindo grupos minoritários, problema que, aparentemente, só existia na postura de liberdade de expressão plena.

3. Liberdade de expressão inexistente – Censura

Total controle por aqueles que detêm o poder (governo, economia, religião etc). Tudo o que é publicado, anunciado, noticiado etc. passa pela censura.

Aspectos positivos: Semelhantes aos êxitos dos regimes autoritários e ditatoriais. A massa age sem pensar a partir de um modelo ideológico dominante e castrador. É construído um modelo único daquilo que é o correto a se falar. O fascismo, o nazismo e o stalinismo são exemplos históricos desse tipo de postura sobre a ausência da liberdade de expressão.

Aspectos negativos: **Não ser livre**, controle ideológico, manipulação, **censura plena**, punições por pensar diferente etc.

■ Fonte: <https://fabiomesquita.wordpress.com/2015/04/02/liberdade-de-expressao/>

Texto jornalístico

Texto que problematiza a normalidade e a falta de discernimento na construção de seu próprio caminho.



<https://goo.gl/bk29l>

■ Eliane Brum
Jornalista, escritora e documentarista.
"A doença de ser normal – Com medo da liberdade, preferimos aderir à manada"

Texto jornalístico

Sobre o posicionamento do Papa Francisco



<https://goo.gl/YRt4W>

■ Papa Francisco
"Liberdade de expressão não dá o direito de insultar o próximo"

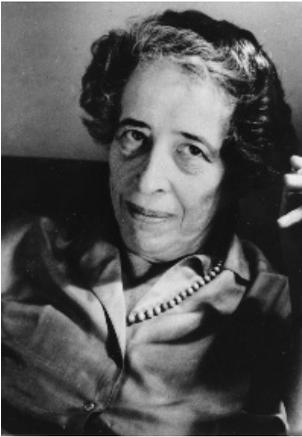
Artigo filosófico

Escrito por Ana Paula Repolês Torres – Pensando a "liberdade de expressão" com Hannah Arendt

■ <https://goo.gl/bA34DX>

Sinopse do artigo: Buscamos demonstrar, com base no pensamento de Hannah Arendt, que liberdade não é o mesmo que soberania, sendo a liberdade absoluta negação da própria liberdade. Em outras palavras, diríamos que os limites à liberdade de expressão não são meras restrições, mas condição de possibilidade do exercício desse direito, já que são esses limites que delimitam o espaço da fala e da ação. Por outro lado, procuramos levantar questões outras relacionadas com os conceitos de pensar e julgar, buscando distinguir censura de responsabilização.

Filosofia política



■ Hannah Arendt (1906-1975)
Foi uma filósofa política alemã de origem judaica, uma das mais influentes do século XX.

Músicas



<https://goo.gl/87wvhtV>

■ Taiguara (1945-1996) é considerado um dos símbolos da resistência à censura durante a ditadura militar brasileira. Ele foi um dos compositores mais censurados na história da MPB, tendo 68 músicas censuradas. Leia a letra de duas de suas músicas, vale fazer uma pesquisa sobre esse artista brasileiro.

QUE AS CRIANÇAS CANTEM LIVRES

O tempo passa e atravessa as avenidas
E o fruto cresce, pesa e enverga o velho pé
E o vento forte quebra as telhas e vidraças
E o livro sábio deixa em branco o que não é

Pode não ser essa mulher o que te falta
Pode não ser esse calor o que faz mal
Pode não ser essa gravata o que sufoca
Ou essa falta de dinheiro que é fatal

Vê como um fogo brando funde um ferro duro
Vê como o asfalto é teu jardim se você crê
Que há sol nascente avermelhando o céu escuro
Chamando os homens pro seu tempo de viver

E que as crianças cantem livres sobre os muros
E ensinem sonho ao que não pode amar sem dor
E que o passado abra os presentes pro futuro
Que não dormiu e preparou o amanhecer...



ATIVIDADE 1

Assista aos vídeos abaixo e escreva o seu posicionamento sobre o tema liberdade de expressão. Utilize descrições das cenas dos vídeos em seus argumentos.

- Deirdre McCloskey – Liberdade de Expressão e o Poder da Retórica



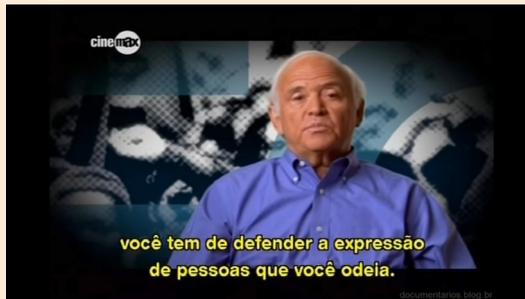
<https://goo.gl/WVZly>

- Texto Provoações, de Luis Fernando Veríssimo, lido por Abujamra no programa Provoações.



<https://goo.gl/0NnnNU>

- Documentário realizado pela HBO sobre a liberdade de expressão nos EUA



<https://goo.gl/8kuBph>

- Tudo é Ofensivo! (Everything Is Offensive) – Vídeo que apresenta uma crítica à sociedade em achar que tudo é ofensivo.



<https://goo.gl/H50hxB>

■ TEXTO 2 – EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO

Autor: Jean-Paul Sartre

Tradutora: Rita Correia Guedes

Fonte: *L'Existentialisme est un Humanisme*, Les Éditions Nagel, Paris, 1970.

Gostaria de defender, aqui, o existencialismo de uma série de críticas que lhe foram feitas.

Em primeiro lugar, acusaram-no de incitar as pessoas a permanecerem no **imobilismo do desespero**; todos os caminhos estando vedados, seria necessário concluir que a ação é totalmente impossível neste mundo; tal consideração desembocaria, portanto, numa **filosofia contemplativa** – o que, aliás, nos reconduz a uma **filosofia burguesa**, visto que a contemplação é um luxo. São estas, fundamentalmente, as críticas dos comunistas.

Por outro lado, acusaram-nos de enfatizar a **ignomínia humana**, de sublinhar o sórdido, o equívoco, o viscoso, e de negligenciar certo número de belezas radiosas, o lado luminoso da natureza humana; por exemplo, **segundo a senhorita Mercier**, crítica católica, esquecemos o sorriso da criança. Uns e outros nos acusam de haver **negado a solidariedade humana**, de considerar que o homem vive isolado; **segundo os comunistas**, isso se deve, em grande parte, ao fato de nós partirmos da pura subjetividade, ou seja, do **penso cartesiano**, ou seja ainda, do momento em que o homem se apreende em sua solidão – o que me tornaria incapaz de retornar, em seguida, à solidariedade com os homens que existem fora de mim e que eu não posso alcançar no **cogito**.

Na perspectiva cristã, somos acusados de negar a realidade e a seriedade dos empreendimentos humanos, já que, suprimindo os mandamentos de Deus e os valores inscritos na eternidade, resta apenas a pura gratuidade; cada qual pode fazer o que quiser, sendo incapaz, a partir de seu ponto de vista, de condenar os pontos de vistas e os atos alheios. Tais são as várias acusações a que procuro hoje responder e a razão que me levou a intitular esta pequena exposição de: **“O Existencialismo é um Humanismo”**. Muitos poderão estranhar que falemos aqui de humanismo. Tentaremos explicitar em que sentido o entendemos. De qualquer modo, o que podemos desde já afirmar é que **concebemos o existencialismo como uma doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humana**. A crítica básica que nos fazem é, como se sabe, de enfatizarmos o lado negativo da vida humana. Contaram-me, recentemente, o caso de uma senhora que, tendo deixado escapar, por nervosismo, uma palavra vulgar, se desculpou dizendo: “Acho que estou ficando existencialista”. A feiura é, por conseguinte, assimilada ao existencialismo e é por isso que dizem sermos **naturalistas**. Se o somos, é estranho

Filosofia



■ Jean-Paul Sartre (1905-1980)
Foi um filósofo, escritor e crítico francês.
Recusou em 1964 o prêmio Nobel de Literatura.

Vocabulário

Existencialismo: filosofia criada no séc. 19 e desenvolvida no séc. 20. Possui como ideia central a tese de que o homem começa por sua existência, uma vida concebida como um absurdo, sem sentido, sem predeterminismo. O ser humano é livre para escolher aquilo que fará da sua existência. Angústia, alienação, tédio são questões colocadas pelos existencialistas.

Imobilismo do desespero: diante do desespero da vida, não sei o que fazer, qual caminho tomar.

Burguesia: pensada aqui como uma classe social, caracterizada por suas propriedades de capitais, detentora dos meios de produção de riqueza e que possui como foco a manutenção de seus privilégios, capital e propriedades.

Ignomínia: caráter daquilo que degrada, humilha; ação, palavra que desonra, que envergonha.

Filosofia

Cogito: Conceito concebido por René Descartes, filósofo francês. O *cogito* é a primeira verdade, inquestionável, marco da certeza. É certo que eu existo, um ser que duvida e pensa. *Cogito = Dubito, ergo cogito, ergo sum* (Duvido, logo penso, logo sou/existo).

Literatura

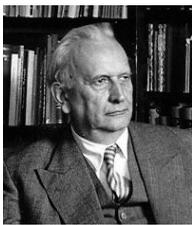
Naturalismo – escola literária concebida como o extremo do Realismo, **baseia-se na teoria evolucionista de Charles Darwin, no evolucionismo e determinismo científico**. Nesse sentido, o indivíduo é determinado pelo ambiente e pela hereditariedade. Émile Zola é um dos expoentes do naturalismo francês. No Brasil, um exemplo de uma obra naturalista é *O Cortiço*, de Aluizio de Azevedo.

Literatura



■ Émile Zola (1840-1902)
Escritor francês considerado o criador e o representante mais expressivo do naturalismo.

Filosofia



■ Karl Jaspers (1883-1969)
Foi um filósofo e psiquiatra alemão.



■ Gabriel Marcel (1889-1973)
Foi um filósofo, dramaturgo e compositor francês.



■ Martin Heidegger (1889-1976)
Foi um dos mais importantes filósofos do século XX. *O Ser e o Tempo* é uma das obras de referência do autor.

que assustemos e escandalizemos muito mais do que o **naturalismo** propriamente dito assusta ou escandaliza hoje em dia. Aqueles que digerem tranquilamente um romance de **Zola**, como *A Terra*, ficam repugnados quando leem um romance existencialista; outros, que se utilizam da sabedoria das nações – profundamente tristes –, acham-nos mais tristes ainda. Mas será que existe algo mais desesperançado do que o provérbio: “**A caridade bem dirigida começa por si próprio**”, ou “**Ama quem te serve e serás desprezado; castiga quem te serve e serás amado**”? São notórios os lugares-comuns que podem ser utilizados neste assunto e que significam sempre a mesma coisa: não se deve lutar contra os poderes estabelecidos, não se deve lutar contra a força, não se deve dar passos maiores do que as pernas, toda ação que não se insere numa tradição é romantismo, toda ação que não se apoia numa experiência comprovada está destinada ao fracasso; e a **experiência mostra que os homens tendem sempre para o mais baixo e que são necessários freios sólidos para detê-los, caso contrário instala-se a anarquia**. No entanto, as pessoas que ficam repetindo esses tristes provérbios são as mesmas que acham muito humano todo e qualquer ato mais ou menos repulsivo, as mesmas que se deleitam com canções realistas: são estas as pessoas que **acusam o existencialismo de ser demasiado sombrio, a tal ponto que eu me pergunto se elas não o censuram, não tanto pelo seu pessimismo, mas, justamente pelo seu otimismo**. Será que, no fundo, o que amedronta na doutrina que tentarei expor não é o fato de que **ela deixa uma possibilidade de escolha para o homem**? Para sabê-lo, precisamos recolocar a questão no plano estritamente filosófico. **O que é o existencialismo?**

A maioria das pessoas que utilizam este termo ficaria bastante embaraçada se tivesse de justificá-lo: hoje em dia a palavra está na moda e qualquer um afirma sem hesitação que tal músico ou tal pintor é existencialista. Um cronista de *Clartés* assina o *Existencialista*. Na verdade, esta palavra assumiu atualmente uma amplitude tal e uma tal extensão que já não significa rigorosamente nada. Está parecendo que, na ausência de uma doutrina de vanguarda análoga ao surrealismo, as pessoas, ávidas de escândalo e de agitação, estão se voltando para esta filosofia, que, aliás, não pode ajudá-la em nada nesse campo; o existencialismo, na realidade, é a doutrina menos escandalosa e a mais austera; ela destina-se exclusivamente aos técnicos e aos filósofos. Todavia, pode ser facilmente definida. O que torna as coisas complicadas é a existência de dois tipos de existencialistas: por um lado, os cristãos – entre os quais colocarei Jaspers e Gabriel Marcel, de confissão católica – e, por outro, os ateus – entre os quais há que situar Heidegger, assim como os existencialistas franceses e eu mesmo. O que eles têm em comum é simplesmente o fato de todos considerarem que a existência precede a essência, ou, se se preferir, que é necessário partir da subjetividade. **O que significa isso exatamente?**

Consideremos um objeto fabricado, como, por exemplo, um livro ou um corta-papel; esse objeto foi fabricado por um artífice que se inspirou num conceito; tinha, como referências, o conceito de corta-papel assim como determinada técnica de produção, que faz parte do conceito e que, no fundo, é uma receita. Desse modo, o corta-papel é, simultaneamente, um objeto que é produzido de certa maneira e que, por outro lado, tem uma utilidade definida: seria impossível imaginarmos um homem que produzisse um corta-papel sem saber para que tal objeto iria servir. Podemos assim afirmar que, no caso do corta-papel, a **essência – ou seja, o conjunto das técnicas e das qualidades que permitem a sua produção e definição – precede a existência**; e desse modo, também, a presença de tal corta-papel ou de tal livro na minha frente é determinada. Eis aqui uma visão técnica do mundo em função da qual podemos afirmar que **a produção precede a existência**.

Ao concebermos um Deus criador, identificamo-lo, na maioria das vezes, com um artífice superior, e, qualquer que seja a doutrina que considerarmos – quer se trate de uma doutrina como a de **Descartes** ou como a de **Leibniz** –, admitimos sempre que a vontade segue mais ou menos o entendimento ou, no mínimo, que o acompanha, e que Deus, quando cria, sabe precisamente o que está criando. Assim, o conceito de homem, no espírito de Deus, é assimilável ao conceito de corta-papel, no espírito do industrial; e Deus produz o homem segundo determinadas técnicas e em função de determinada concepção, exatamente como o artífice fabrica um corta-papel segundo uma definição e uma técnica. Desse modo, o homem individual materializa certo conceito que existe na inteligência divina. No século XVIII, o ateísmo dos filósofos elimina a noção de Deus, porém não suprime a ideia de que a essência precede a existência. Essa é uma ideia que encontramos com frequência: encontramos-la em **Diderot**, em **Voltaire** e mesmo em **Kant**. O homem possui uma natureza humana; essa natureza humana, que é o conceito humano, pode ser encontrada em todos os homens, o que significa que cada homem é um exemplo particular de um conceito universal: o homem. Em **Kant**, resulta de tal universalidade que o homem da selva, o homem da Natureza, tal como o burguês, devem encaixar-se na mesma definição, já que possuem as mesmas características básicas. **Assim, mais uma vez, a essência do homem precede essa existência histórica que encontramos na Natureza.**

O existencialismo ateu, que eu represento, é mais coerente. Afirma que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a **existência precede a essência**, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem, ou, como diz Heidegger, a realidade humana. O que significa, aqui, dizer que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se



- Leibniz (1646-1716)
Foi um filósofo e cientista alemão. Conhecido por sua teoria das mônadas (conceito metafísico, equiparado à representação dos átomos para os físicos). As mônadas geram uma harmonia preestabelecida no universo.



- René Descartes (1596-1650)
Foi um filósofo e matemático francês. Importante por sua contribuição ao racionalismo e famoso por sua emblemática frase "*Cogito, ergo sum*".



- Denis Diderot (1713-1784)
Foi um filósofo francês, representante do iluminismo e um dos responsáveis da Enciclopédia.



- Voltaire (1694-1778)
Filósofo e ensaísta iluminista francês. Inspirador da Revolução Francesa, defensor da liberdade e valoroso crítico social. Uma de suas obras mais significativas é *Cândido ou O Otimismo*.



- Immanuel Kant (1724-1804)
Um dos mais importantes filósofos de todos os tempos. A totalidade de sua obra é um marco para o pensamento humano sob diversos aspectos.

Vocabulário

Responsabilidade: obrigação de responder pelas ações próprias e/ou dos outros. Na filosofia existencialista somos responsáveis por nós mesmos e por toda a humanidade. Somos um exemplo, uma referência, escolhemos aquilo que julgamos correto e melhor, nesse sentido, nos tornamos referências para os outros. Escolhemos sempre aquilo que julgamos ser o correto, o bem, por isso, impomos um modo de ser no mundo: casado, solteiro, desonesto, justo, etc. Além de sermos um exemplo para todos os demais, é fundamental termos consciência de que nossas ações afetam toda a humanidade de alguma forma. Eis o peso/dificuldade em ser existencialista.

Angústia: estado de ansiedade, inquietude, sofrimento, tormento. No existencialismo, todos aqueles que possuem consciência de suas ações percebem as consequências de seus atos, ficarão angustiados diante das possibilidades de escolhas. Qual o melhor caminho? O que é certo fazer para mim e para os outros?

Desespero: estado de consciência que julga uma situação sem saída, desesperança.

Existência humana: forma do ser humano no mundo. Primeiro ele existe, depois se constrói, a partir daquilo que escolhe. Essa existência nunca será a nossa essência. Note que aquilo que é para um animal, determinado e limitado por sua própria natureza, não é para um ser humano, alguém que pode negar ou afirmar aquilo que lhe foi dado.

Essência humana: construída a posteriori, a partir das escolhas de cada um. Não existe uma essência predeterminada, nós é que escolhemos aquilo o que seremos. Certamente, essa escolha pode se dar de diversas formas, por exemplo, consciente ou inconscientemente.

Engajamento: ações que almejam uma causa, um ideal. “Escolhendo o casamento estou engajando não apenas a mim mesmo, mas a toda a humanidade, na trilha da monogamia.”

Projeto: aquilo que se faz e se quer de si mesmo. “O homem é um projeto que se vive a si mesmo subjetivamente ao invés de musgo, podridão ou couve-flor; nada existe antes desse projeto.”

define. O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo. Assim, não existe natureza humana, já que não existe um Deus para concebê-la. O homem é tão somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: **é esse o primeiro princípio do existencialismo**. É também a isso que chamamos de subjetividade: a subjetividade de que nos acusam. Porém, nada mais queremos dizer senão que a dignidade do homem é maior do que a da pedra ou da mesa. Pois queremos dizer que o homem, antes de mais nada, existe, ou seja, o homem é, antes de mais nada, aquilo que se projeta num futuro, e que tem consciência de estar se projetando no futuro. De início, o homem é um projeto que se vive a si mesmo subjetivamente ao invés de musgo, podridão ou couve-flor; nada existe antes desse projeto; não há nenhuma inteligibilidade no céu, e o homem será apenas o que ele projetou ser. Não o que ele quis ser, pois entendemos vulgarmente o querer como uma decisão consciente que, para quase todos nós, é posterior àquilo que fizemos de nós mesmos. Eu quero aderir a um partido, escrever um livro, casar-me, tudo isso são manifestações de uma escolha mais original, mais espontânea do que aquilo a que chamamos de vontade. Porém, se realmente a existência precede a essência, o homem é responsável pelo que é. Desse modo, o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é de submetê-lo à **responsabilidade total** de sua existência. Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que **ele é responsável por todos os homens**. A palavra subjetivismo tem dois significados, e os nossos adversários se aproveitaram desse duplo sentido. Subjetivismo significa, por um lado, escolha do sujeito individual por si próprio e, por outro lado, impossibilidade em que o homem se encontra de transpor os limites da subjetividade humana. É esse segundo significado que constitui o sentido profundo do existencialismo. Ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens. De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser. Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; **o que escolhemos é sempre o bem** e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos. Se, por outro lado, a existência precede a essência, e se nós queremos existir ao mesmo tempo que moldamos nossa imagem, essa **imagem é válida para todos** e para toda a nossa época. Portanto, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos

supor, pois **ela engaja a humanidade inteira**. Se eu sou um operário e se escolho aderir a um sindicato cristão em vez de ser comunista, e se, por essa adesão, quero significar que a resignação é, no fundo, a solução mais adequada ao homem, que o reino do homem não é sobre a terra, não estou apenas engajando a mim mesmo: quero resignar-me por todos e, portanto, a minha decisão engaja toda a humanidade. Numa dimensão mais individual, se quero casar-me, ter filhos, ainda que esse casamento dependa exclusivamente de minha situação, ou de minha paixão, ou de meu desejo, escolhendo o casamento estou engajando não apenas a mim mesmo, mas a toda a humanidade, na trilha da monogamia. **Sou, desse modo, responsável por mim mesmo e por todos e crio determinada imagem do homem por mim mesmo escolhido; por outras palavras: escolhendo-me, escolho o homem.**

Tudo isso permite-nos compreender o que subjaz a palavras um tanto grandiloquentes como **angústia, desamparo, desespero**. Como vocês poderão constatar, é extremamente simples. Em primeiro lugar, **como devemos entender a angústia?** O existencialista declara frequentemente que o homem é angústia. Tal afirmação significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade. É fato que muitas pessoas não sentem ansiedade, porém nós estamos convictos de que estas pessoas mascaram a ansiedade perante si mesmas, evitam encará-la; certamente muitos pensam que, ao agir, estão apenas engajando a si próprios e, quando se lhes pergunta: **mas se todos fizessem o mesmo?, eles encolhem os ombros e respondem: nem todos fazem o mesmo**. Porém, na verdade, devemos sempre perguntar-nos: o que aconteceria se todo mundo fizesse como nós? e não podemos escapar a essa pergunta inquietante a não ser através de uma espécie de má-fé. Aquele que mente e que se desculpa dizendo: **nem todo mundo faz o mesmo**, é alguém que não está em paz com sua consciência, pois o fato de mentir implica um valor universal atribuído à mentira. Mesmo quando ela se disfarça, a angústia aparece. É esse tipo de angústia que **Kierkegaard** chamava de **angústia de Abraão**. Todos conhecem a história: um anjo ordena a Abraão que sacrifique seu filho. Está tudo certo se foi realmente um anjo que veio e disse: tu és Abraão e sacrificarás teu filho. Porém, para começar, cada qual pode perguntar-se: será que era verdadeiramente um anjo? ou: será que sou mesmo Abraão? Que provas tenho? Havia uma louca que tinha alucinações: falavam-lhe pelo telefone dando-lhe ordens. O médico pergunta: “Mas afinal, quem fala com você?” Ela responde: “Ele diz que é Deus”. Que provas tinha ela que, de fato, era Deus? Se um anjo aparece, como saberei que é um anjo? E se escuto vozes, o que me prova que elas vêm do céu e não do inferno, ou do subconsciente ou de

Desamparo: O fato de não existir um Deus ou outro alguém para que possamos dividir as consequências de nossos atos, alguém que possamos responsabilizar por nossas frustrações. O fato de não existir uma natureza humana para que possamos nos justificar. O fato de não existir uma sociedade que não me imponha o que devo fazer. Sempre haverá escolhas, sempre será possível recusar a sociedade em que se vive ou a natureza que nos foi dada. Sempre haverá escolhas.

Arte

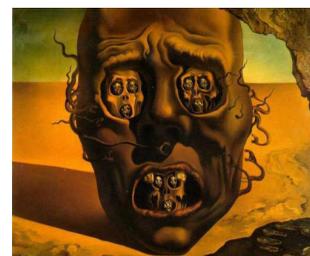


- Edvard Munch, *O Grito* (1893)
A obra representa uma figura andrógina num momento de profunda angústia e desespero existencial

Diário de Munch

“Passeava com dois amigos ao pôr do sol – o céu ficou de súbito vermelho-sangue – eu parei, exausto, e inclinei-me sobre a mureta – havia sangue e línguas de fogo sobre o azul escuro do fjord e sobre a cidade – os meus amigos continuaram, mas eu fiquei ali a tremer de ansiedade – e senti o grito infinito da Natureza.”

Arte



- Salvador Dalí – *A face da Guerra* (1940)
O desespero e a angústia da existência estão retratados nessa obra de Dalí.

Sartre critica uma “mentalidade humana” – semelhante crítica faz Max Gonzaga na música classe média.

Classe Média (Max Gonzaga)

Sou classe média / Papagaio de todo telejornal / Eu acredito / Na imparcialidade da revista semanal / Sou classe média / Compro roupa e gasolina no cartão / Odeio “coletivos” / E vou de carro que comprei à prestação / Só pago impostos / Estou sempre no limite do meu cheque especial / Eu viajo pouco, no máximo um pacote CVC tri-anual / Mas eu “to nem ai” / Se o traficante é quem manda na favela / Eu não “to nem aqui” / Se morre gente ou tem enchente em Itaquera / Eu quero é que se exploda a periferia toda / Mas fico indignado com estado quando sou incomodado / Pelo pedinte esfomeado que me estende a mão / O para-brisa ensaboado / É camelo, biju com bala / E as peripécias do artista malabarista do farol / Mas se o assalto é em Moema / O assassinato é no “Jardins” / A filha do executivo é estuprada até o fim / Ai a mídia manifesta a sua opinião regressa / De implantar pena de morte, ou reduzir a idade penal / E eu que sou bem informado concordo e faço passeata / Enquanto aumenta a audiência e a tiragem do jornal / Porque eu não “to nem ai” / Se o traficante é quem manda na favela / Eu não “to nem aqui” / Se morre gente ou tem enchente em Itaquera / Eu quero é que se exploda a periferia toda / Toda tragédia só me importa quando bate em minha porta / Porque é mais fácil condenar quem já cumpre pena de vida /

Vídeo/Música



<https://goo.gl/8d6kV>

■ Animação da música Classe Média, de Max Gonzaga.

Literatura



■ Fiódor Dostoiévski (1821-1881) Foi um escritor russo, considerado um dos maiores romancistas da história e um dos mais inovadores artistas de todos os tempos. O livro *Notas do Subterrâneo* é marcado pela filosofia existencialista.

Televisão/YouTube



<https://goo.gl/4j1qca>

■ Globo Ciência – Sartre e Beauvoir

um estado patológico? O que prova que elas se dirigem a mim? Quem pode provar-me que fui eu, efetivamente, o escolhido para impor a minha concepção do homem e a minha própria escolha à humanidade? Não encontrei jamais prova alguma, nenhum sinal que possa convencer-me. Se uma voz se dirige a mim, sou sempre eu mesmo que terei de decidir que essa voz é a voz do anjo; se considero que determinada ação é boa, sou eu mesmo que escolho afirmar que ela é boa e não má. Nada me designa para ser Abraão, e, no entanto, sou a cada instante obrigado a realizar atos exemplares. **Tudo se passa como se a humanidade inteira estivesse de olhos fixos em cada homem e se regresse por suas ações. E cada homem deve perguntar a si próprio: sou eu, realmente, aquele que tem o direito de agir de tal forma que os meus atos sirvam de norma para toda a humanidade?** E, se ele não fizer a si mesmo esta pergunta, é porque estará mascarando sua angústia. Não se trata de uma angústia que conduz ao quietismo, à inação. **Trata-se de uma angústia simples, que todos aqueles que um dia tiveram responsabilidades conhecem bem.** Quando, por exemplo, um chefe militar assume a responsabilidade de uma ofensiva e envia para a morte certo número de homens, ele escolhe fazê-lo, e, no fundo, escolhe sozinho. Certamente, algumas ordens vêm de cima, porém são abertas demais e exigem uma interpretação: é dessa interpretação – responsabilidade sua – que depende a vida de dez, catorze ou vinte homens. Não é possível que não exista certa angústia na decisão tomada. Todos os chefes conhecem essa angústia. Mas isso não os impede de agir, muito pelo contrário: é a própria angústia que constitui a condição de sua ação, pois ela pressupõe que eles encarem a pluralidade dos possíveis e que, ao escolher um caminho, eles se deem conta de que ele não tem nenhum valor a não ser o de ter sido escolhido. Veremos que esse tipo de angústia – a que o existencialismo descreve – se explica também por uma responsabilidade direta para com os outros homens engajados pela escolha. Não se trata de uma cortina entreposta entre nós e a ação, mas parte constitutiva da própria ação.

Quando falamos de desamparo, expressão cara a Heidegger, queremos simplesmente dizer que **Deus não existe e que é necessário levar esse fato às últimas consequências.** O existencialista opõe-se frontalmente a certo tipo de moral laica que gostaria de eliminar Deus com o mínimo de danos possível. Quando, por volta de 1880, os professores franceses tentaram constituir uma moral laica, disseram mais ou menos o seguinte: Deus é uma hipótese inútil e dispendiosa; vamos suprimi-la: porém, é necessário – para que exista uma moral, uma sociedade, um mundo policiado – que certos valores sejam respeitados e considerados como existentes *a priori*; é preciso que seja obrigatório, *a priori*, ser honesto, não mentir, não bater na mulher, fazer filhos etc., etc. Vamos portanto realizar uma pequena manobra que nos permitirá demonstrar que esses valores existem, apesar de

tudo, inscritos num céu inteligível, se bem que, como vimos, Deus não exista. É essa, creio eu, a tendência de tudo o que é chamado na França de radicalismo: **por outras palavras, a inexistência de Deus não mudará nada; reencontramos as mesmas normas de honestidade, de progresso, de humanismo e teremos assim transformado Deus numa hipótese caduca, que morrerá tranquilamente por si própria.** O existencialista, pelo contrário, pensa que é extremamente incômodo que Deus não exista, pois, junto com ele, desaparece toda e qualquer possibilidade de encontrar valores num céu inteligível; não pode mais existir nenhum bem *a priori*, já que não existe uma consciência infinita e perfeita para pensá-lo; não está escrito em nenhum lugar que o bem existe, que devemos ser honestos, que não devemos mentir, já que nos colocamos precisamente num plano em que só existem homens. **Dostoiévski** escreveu: “Se Deus não existisse, tudo seria permitido”. Eis o ponto de partida do existencialismo. **De fato, tudo é permitido se Deus não existe, e, por conseguinte, o homem está desamparado porque não encontra nele próprio nem fora dele nada a que se agarrar.** Para começar, não encontra desculpas. Com efeito, se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva; ou seja, **não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade.** Por outro lado, se Deus não existe, não encontramos, já prontos, valores ou ordens que possam legitimar a nossa conduta. Assim, não teremos nem atrás de nós, nem na nossa frente, no reino luminoso dos valores, nenhuma justificativa e nenhuma desculpa. Estamos sós, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que **o homem está condenado a ser livre.** Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz. O existencialismo não acredita no poder da paixão. Ele jamais admitirá que uma bela paixão é uma corrente devastadora que conduz o homem, fatalmente, a determinados atos, e que, conseqüentemente, **é uma desculpa.** Ele considera que **o homem é responsável por sua paixão.** O existencialista não pensará nunca, também, que o homem pode conseguir o auxílio de um sinal qualquer que o oriente no mundo, pois considera que é o próprio homem quem decifra o sinal como bem entende. Pensa, portanto, que o homem, sem apoio e sem ajuda, está condenado a inventar o homem a cada instante. Ponge escreveu, num belíssimo artigo: “O homem é o futuro do homem”. É exatamente isso. Apenas, se por essas palavras se entender que o futuro está inscrito no céu, que Deus pode vê-lo, então a afirmação está errada, já que, assim, nem sequer seria um futuro. Se se entender que, qualquer que seja o homem que surja no mundo, ele tem um futuro a construir, um futuro virgem que o espera, então a expressão está correta. Porém, nesse caso, estamos desamparados. Tentarei dar-lhes um exemplo que permita compreender melhor o desamparo; contarei o caso de um dos meus alunos, que veio procurar-me nas seguintes circunstâncias: o pai estava brigando com a

Literatura/Filosofia



- Simone de Beauvoir (1908-1986)
Foi uma escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política e feminista francesa. Em sua obra *Segundo Sexo* ela detalha a situação da mulher na sociedade contemporânea.

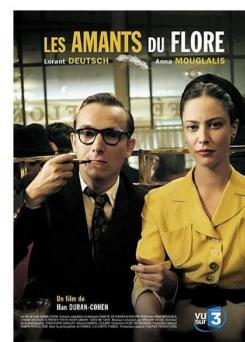


Filosofia



- Kierkegaard (1813-1855)
Foi um filósofo e teólogo dinamarquês. Em sua filosofia encontramos a origem do existencialismo.

Filme/Cinema



- *Os amantes do café Flore* (2006)
Direção: Ilan Duran Cohen
O filme apresenta a relação amorosa entre Beauvoir e Sartre.

<https://gou.gl/ofrs7LG>

Vídeo/YouTube



■ The School of Life – Sartre

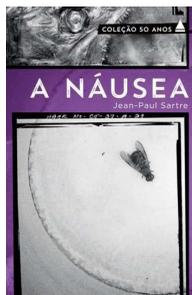
<https://goo.gl/Gsu446>



■ Crash Course – Existentialism

<https://goo.gl/FemXMBf>

Literatura/Filosofia

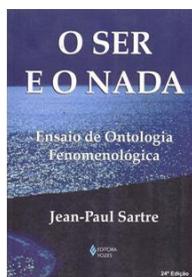


■ *A Náusea* (1938)

Autor: Jean-Paul Sartre

Romance existencialista, nele estão presentes de modo ficcional princípios de sua filosofia. O texto foi escrito sob a forma de diário íntimo, observações banais de Antoine Roquentin sobre a vida humana, seu absurdo, dúvidas e problemas.

Filosofia



■ *O Ser e o Nada* (1943)

Autor: Jean-Paul Sartre

Principal obra do filósofo, que apresenta a análise do Ser em sua mais pura essência, existindo apenas para a consciência.

mãe e tinha tendências colaboracionistas; o irmão mais velho morrera durante a ofensiva alemã de 1940; e esse jovem, com sentimentos um pouco primitivos mas generosos, desejava vingá-lo. A mãe vivia só com ele, muito perturbada pela semitração do pai e pela morte do filho mais velho, e ele era seu único consolo. Esse jovem tinha, naquele momento, a seguinte escolha: partir para a Inglaterra e alistar-se nas Forças Francesas Livres, ou seja, abandonar a mãe, ou permanecer com a mãe e ajudá-la a viver. Ele tinha consciência de que a mãe só vivia em função dele e que o seu desaparecimento, talvez a sua morte, a mergulharia no desespero. Tinha também consciência de que, no fundo, cada ato que ele fazia em relação à mãe tinha uma resposta concreta, no sentido de que ele a ajudava a viver, enquanto cada ato que ele fizesse para partir e combater seria ambíguo, poderia perder-se na areia, não servir para nada; por exemplo: partindo para a Inglaterra, ele poderia permanecer indefinidamente num campo espanhol ao passar pela Espanha; poderia chegar à Inglaterra, ou a Argel, e ser colocado num escritório preenchendo papéis. Encontrava-se, assim, perante dois tipos de ação muito diferentes; uma delas concreta, imediata, porém dirigida a um só indivíduo; a outra, dirigida a um conjunto infinitamente mais vasto, uma coletividade nacional, mas, por isso mesmo, ambígua, e podendo ser interrompida a meio caminho. Simultaneamente, ele hesitava entre dois tipos de moral. De um lado, uma moral da simpatia, da devoção individual; e, de outro lado, uma moral mais ampla, mas de uma eficácia mais contestável. Precisava escolher uma das duas. Quem poderia ajudá-lo a escolher? A doutrina cristã? Não. A doutrina cristã diz: sede caridosos, amai o próximo, sacrificai-vos por vosso semelhante, escolhei o caminho mais árduo etc., etc. Mas qual é o caminho mais árduo? Quem devemos amar como irmão, o combatente ou a mãe? Qual a utilidade maior: aquela, vaga, de participar de um corpo de combate, ou a outra, precisa, de ajudar um ser específico a viver? **Quem pode decidir a priori? Ninguém.** Nenhuma moral estabelecida tem uma resposta. A moral kantiana diz-nos: nunca trate os outros como um meio, trate-os como um fim. Muito bem; se eu ficar junto de minha mãe, estarei tratando-a como um fim e não como um meio, mas, por isso mesmo, estarei correndo o risco de tratar como meio aqueles que combatem à minha volta, e, vice-versa, se eu me juntar àqueles que combatem, estarei tratando-os como fim e, pelas mesmas razões, posso estar tratando minha mãe como meio.

Já que os valores são vagos e que eles são sempre amplos demais para o caso preciso e concreto que consideramos, só nos resta confiar em nosso instinto. Foi o que o jovem tentou fazer; e, quando nos encontramos, ele dizia: no fundo, o que conta é o sentimento; eu deveria escolher aquilo que verdadeiramente me impele em determinada direção. Se eu sentir que gosto da minha mãe o bastante para lhe sacrificar todo o resto – meu desejo de vingança, meu desejo de ação,

meu desejo de aventuras –, fico com ela. Se, pelo contrário, eu sentir que meu amor por minha mãe não é suficiente, então eu parto. Mas como determinar o valor de um sentimento? O que é que constituía o valor do sentimento que ele tinha por sua mãe? Precisamente o fato de que ele permanecera, por ela. Posso dizer: amo tal amigo o suficiente para lhe sacrificar tal soma de dinheiro; mas só poderei dizê-lo se o fizer. Posso dizer: amo minha mãe o bastante para ficar junto dela; mas não posso determinar o valor dessa afeição a não ser, precisamente, que eu pratique um ato que a confirme e a defina. Ora, como eu desejo que esse afeto justifique os meus atos, acabo sendo arrastado num círculo vicioso.

Por outro lado, **Gide** disse, e muito bem, que um sentimento representado e um sentimento vivido são duas coisas quase indiscerníveis: decidir que amo minha mãe ficando junto dela, ou representar uma comédia que me levará a ficar, por causa de minha mãe, é mais ou menos a mesma coisa. Por outras palavras: o sentimento constrói-se através dos atos praticados; não posso, portanto, pedir-lhe que me guie. O que significa que não posso nem procurar em mim mesmo a autenticidade que me impele a agir, nem buscar numa moral os conceitos que me autorizam a agir. Vocês dirão: pelo menos, o jovem procurou o professor para pedir-lhe conselho. Porém, se vocês procurarem um padre, por exemplo, para que eles os aconselhe, vocês estarão escolhendo esse padre, e, no fundo, vocês já estarão sabendo, aproximadamente, o que ele lhes irá aconselhar. **Ou seja: escolher o conselheiro é, ainda, engajar-se.** A prova disso está em que, se vocês forem cristãos, dirão: consulte um padre. Existem, no entanto, padres colaboracionistas, padres oportunistas, padres resistentes. Qual deles escolher? E, se o jovem escolher um padre resistente ou um padre colaboracionista, já estará decidindo o tipo de conselho que irá receber. Assim, vindo procurar-me, ele sabia a resposta que eu lhe daria, e eu só tinha uma única resposta: **you é livre; escolha, isto é, invente. Nenhuma moral geral poderá indicar-lhe o caminho a seguir; não existem sinais no mundo.** Os católicos arguirão: sim, existem sinais. Admitamos que sim; de qualquer modo, ainda sou eu mesmo que escolho o significado que têm. Quando estive preso, conheci um homem assaz notável, que era jesuíta, havia ingressado na ordem dos **jesuítas** da seguinte forma: tinha experimentado uma série de dolorosos fracassos; ainda criança, seu pai morrera deixando-o pobre; entrou como bolsista numa instituição religiosa onde faziam questão de lembrar-lhe a todo instante que **ele era aceito por caridade**; em seguida, perdera diversas distinções honoríficas que tanto agradam às crianças; mais tarde, por volta dos dezoito anos, fracassou numa aventura sentimental; finalmente, aos vinte e dois anos, falhou em sua preparação militar, fato bastante pueril que, no entanto, constituiu a gota que fez transbordar o jarro. Esse jovem podia portanto considerar que fracassara em tudo; era um sinal,

Filmes/Cinema



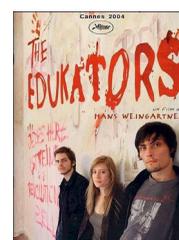
- **Amor (2012)**
Direção: Michael Haneke
Esse filme francês trata sobre o amor presente na velhice. Aborda de modo natural a vida, seus problemas, escolhas, abandonos, desesperos e angústias.



- **Corra Lola, Corra (1998)**
Direção: Tom Tykwer
Filme alemão que apresenta de modo frenético a teoria do caos (processo estocástico) na vida de uma jovem alemã. Uma escolha muda tudo.



- **O Grupo Baader Meinhof (2008)**
Direção: Uli Edel
Filme alemão que apresenta a história do polêmico e bélico grupo de jovens alemães que se engajaram em prol de uma causa e tiveram graves consequências em suas vidas.



- **The Edukators (2004)**
Direção: Hans Weingartner
Esse filme alemão conta a história de adolescentes engajados que expressam sua indignação de uma forma pacífica: invadem mansões e trocam os móveis de lugar. Problemas surgem na trama que fazem com que eles reflitam sobre seus atos.

Filmes/Cinema



- **Crash, no limite** (2004)
Direção: Paul Haggis
Filme fala sobre preconceito, intolerância e apresenta a ideia de que no limite podemos nos mostrar diferentes daquilo que estávamos acostumados a ser. No limite, escolhemos aquilo que seremos e que pode estar fora do projeto que busquei a minha vida inteira.

Matemática

Teoria do Caos / Processo Estocástico: A ideia central da teoria do caos é que uma pequenina mudança no início de um evento qualquer pode trazer consequências enormes e absolutamente desconhecidas no futuro. Por isso, tais eventos seriam praticamente imprevisíveis – caóticos.

Vídeo/YouTube



- Nerdologia – Caos e efeito borboleta

<https://goc.gl/AK0iPy>

Jogos/Filosofia



- **Filsofigther**
Escolha o seu filósofo (Platão, Santo Agostinho, Maquiavel, Descartes, Rousseau, Marx, Nietzsche, Simone de Beauvoir e Sartre) e bom divertimento.

<https://goc.gl/Htchbe>

mas um sinal de quê? Poderia refugiar-se na amargura ou no desespero. Porém, muito habilmente para si próprio, considerou que seus insucessos eram um sinal de que ele não nascera para os triunfos seculares, e que só os triunfos da religião, da santidade, da fé, estavam ao seu alcance. Viu, portanto, nesse sinal, a vontade de Deus e ingressou na Ordem. Quem poderia deixar de perceber que a decisão sobre o significado do sinal foi tomada por ele e só por ele? Seria possível deduzir outra coisa dessa série de insucessos: por exemplo, que seria melhor se ele fosse carpinteiro ou revolucionário. **Ele carrega, portanto, a total responsabilidade da decifração. O desamparo implica que somos nós mesmos que escolhemos o nosso ser. Desamparo e angústia caminham juntos.** Quanto ao **desespero**, trata-se de um conceito extremamente simples. **Ele significa que só podemos contar com o que depende da nossa vontade ou com o conjunto de probabilidades que tornam a nossa ação possível. Quando se quer alguma coisa, há sempre elementos prováveis. Posso contar com a vinda de um amigo. Esse amigo vem de trem ou de ônibus; sua vinda pressupõe que o ônibus chegará na hora marcada e que o trem não descarrilhará. Permaneço no reino das possibilidades; porém, trata-se de contar com os possíveis apenas na medida exata em que nossa ação comporta o conjunto desses possíveis.** A partir do momento em que as possibilidades que estou considerando não estão diretamente envolvidas em minha ação, é preferível desinteressar-me delas, pois nenhum Deus, nenhum designo poderá adequar o mundo e seus possíveis à minha vontade. No fundo, quando Descartes afirmava: “É melhor vencermo-nos a nós mesmos do que ao mundo”, ele queria dizer a mesma coisa: agir sem esperança. Os marxistas, com quem conversei, retrucam-me: “Em sua ação, que estará, evidentemente, limitada por sua morte, você pode contar com a ajuda dos outros. Isso significa contar, simultaneamente, com o que os outros farão alhures para ajudá-lo, na China, na Rússia, e com o que eles farão mais tarde, depois de sua morte, para retomar sua ação e conduzi-la até sua completa realização, ou seja, à revolução. Você deve contar com isso, caso contrário estará demonstrando falta de moral”. Antes de mais nada devo dizer que contarei sempre com meus companheiros de luta, na medida em que esses companheiros estão **engajados** comigo numa luta concreta e comum, na unidade de um partido ou de um grupo que eu posso, em linhas gerais, controlar; ou seja, ao qual eu pertencço como militante, e de cujos movimentos estou ciente a cada instante. Nesse caso, contar com a unidade e com a vontade desse partido é exatamente como contar com o fato de que o ônibus chegará na hora certa e o trem não descarrilhará. Não posso, porém, contar com homens que não conheço, fundamentando-me na bondade humana ou no interesse do homem pelo bem-estar da sociedade, já que **o homem é livre e que não existe natureza humana na qual possa me apoiar.** Não sei qual será o futuro da **revolução russa**; posso admirá-la e tomá-la como exemplo, na medida

em que tenho provas, hoje, de que o proletariado desempenha, na Rússia, um papel que ele não desempenha em nenhuma outra nação. Mas não posso afirmar que tal situação irá forçosamente conduzir ao triunfo do proletariado; devo ater-me ao que vejo; não posso ter certeza de que meus companheiros de luta retomarão o meu trabalho após minha morte para o conduzir à máxima perfeição, visto que esses homens são livres e decidirão livremente, amanhã, sobre o que será o homem; amanhã, após minha morte, alguns homens podem decidir instaurar o **fascismo**, e outros podem ser bastante covardes ou fracos para permitir que o façam; nesse momento, o **fascismo** será a verdade humana e pior para nós; na realidade, as coisas serão como o homem decidir que elas sejam. Isso significa que eu deva abandonar-me ao **quietismo**? De modo algum. Primeiro, tenho que me **engajar**; em seguida, agir segundo a velha fórmula: “não é preciso ter esperança para empreender”. Isso não quer dizer que eu não deva pertencer a um partido, mas que não deverei ter ilusões e que farei o melhor que puder. Por exemplo, se eu perguntar a mim mesmo: a coletivização, enquanto tal, será um dia implantada? Como vou saber? Sei apenas que farei tudo o que estiver ao meu alcance para que ela o seja; eu o farei; para além disso, não posso contar com mais nada. O **quietismo** é a atitude daqueles que dizem: os outros podem fazer o que eu não posso. A doutrina que lhes estou apresentando é justamente o contrário do quietismo, visto que ela afirma: **a realidade não existe a não ser na ação**; aliás, vai mais longe ainda, acrescentando: **o homem nada mais é do que o seu projeto**; só existe na medida em que se realiza; **não é nada além do conjunto de seus atos, nada mais que sua vida**. Em função disso, podemos entender por que nossa doutrina horroriza certo número de pessoas. Frequentemente, elas dispõem de um único recurso para suportar a sua miséria, e é o de pensar o seguinte: “As circunstâncias estavam contra mim; eu valia muito mais do que aquilo que fui; é certo que não tive nenhum grande amor ou nenhuma grande amizade, mas foi porque não encontrei um homem ou uma mulher dignos de tal sentimento; se não escrevi livros muito bons, foi porque não tive tempo livre suficiente para fazê-lo; se não tive filhos a quem me dedicar, foi porque não encontrei o homem com quem teria podido construir a minha vida. Permaneceram, portanto, em mim, inutilizadas e inteiramente viáveis, uma porção de disposições, de inclinações, de possibilidades que me conferem um valor que o simples conjunto de meus atos não permitem inferir”. Ora, na verdade, para o existencialista, não existe amor senão aquele que se constrói; não há possibilidade de amor senão a que se manifesta num amor; não há gênio senão aquele que se expressa em obras de arte; o gênio de Proust é a totalidade das obras de **Proust**; o gênio de **Racine** é a série de tragédias que escreveu; para além disso, não há nada. Por que atribuir a Racine a possibilidade de escrever uma outra tragédia, se, justamente, ele não o fez? Um homem compromete-se com sua vida, desenha seu rosto

História



<https://goo.gl/g3X7FH>

- **Revolução Russa (1917)**
Os bolcheviques, liderados por Lênin, organizaram uma nova revolução que ocorreu em outubro de 1917. Prometendo paz, terra, pão, liberdade e trabalho, Lênin assumiu o governo da Rússia e implantou o socialismo. As terras foram redistribuídas para os trabalhadores do campo, os bancos foram nacionalizados e as fábricas passaram para as mãos dos trabalhadores. Muitos integrantes da monarquia, além de seus simpatizantes e opositores ao nascente regime socialista, foram perseguidos e condenados à morte pelos revolucionários. Lênin também retirou seu país da Primeira Guerra Mundial no ano de 1918. Foi instalado o partido único: o PC (Partido Comunista).

Vocabulário

Fascismo: (1) Tendência para o exercício de forte controle autocrático ou ditatorial. (2) Movimento político e filosófico (como o estabelecido por Benito Mussolini na Itália, em 1922).

Literatura



- **Marcel Proust (1871-1922)**
Escritor francês, famoso por sua obra *Em Busca do Tempo Perdido*.



- **Jean Baptiste Racine (1639-1699)**
Escritor francês considerado um dos maiores dramaturgos clássicos da França.

e para além desse rosto, não existe **nada**. Evidentemente, tal pensamento pode parecer difícil de aceitar por alguém que tenha fracassado em seus projetos de vida. Mas, por outro lado, ele leva as pessoas a entenderem que só a realidade conta, que os sonhos, as esperas, as esperanças, só permitem que o homem se defina como sonho malgrado, como esperanças abortadas, como esperas inúteis; ou seja, que ele se defina em negativo e não em positivo; todavia, quando se diz: “tu nada mais és do que tua vida...”, isso não implica que o artista seja julgado unicamente por suas obras de arte; mil outras coisas contribuem igualmente para defini-lo. O que queremos dizer é que um homem nada mais é do que uma série de empreendimentos, que ele é a soma, a organização, o conjunto das relações que constituem esses empreendimentos.



ATIVIDADE 1

1. (UFU/2009) Leia atentamente o texto a seguir.

“[...] se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva; ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade.”

■ SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução de Rita Correia Guedes. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 09.

Tomando o texto acima como referência, faça o que se pede.

a) Mencione quatro conceitos básicos do existencialismo de Sartre.

b) A frase “não existe determinismo” significa que o ser humano pode agir de forma livre e irresponsável? Por quê?

■ TEXTO 3 – O SEGUNDO SEXO

Autora: Simone de Beauvoir

Fonte: *O Segundo Sexo*, Simone de Beauvoir. Disponível em: <<http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409660.pdf>>, pp. 81-86.

O MUNDO sempre pertenceu aos machos. Nenhuma das razões que nos propuseram para explicá-lo nos pareceu suficiente. É revendo à luz da **filosofia existencial** os dados da pré-história e da etnografia que poderemos compreender como a hierarquia dos sexos se estabeleceu. Já verificamos que, quando duas categorias humanas se acham em presença, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois, que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher. Mas que privilégio lhe permitiu satisfazer essa vontade?

As informações que fornecem os **etnógrafos** acerca das formas primitivas da sociedade humana são **terrivelmente contraditórias** e tanto mais quanto eles são mais bem informados e menos sistemáticos. É singularmente difícil ter uma ideia da situação da mulher no período que precedeu o da agricultura. Não se sabe sequer se, em condições de vida tão diferentes das de hoje, a musculatura da mulher, seu aparelho respiratório, não eram tão desenvolvidos como os do homem. **Duros trabalhos eram-lhe confiados e, em particular, ela é que carregava os fardos.** Entretanto, este último fato é ambíguo: é possível que essa função lhe fosse determinada para que, nos comboios, o homem conservasse as mãos livres a fim de defender-se contra os agressores ocasionais, indivíduos ou animais.

Seu papel era, portanto, o mais perigoso e o que exigia **mais vigor.** Parece, entretanto, que **em muitos casos as mulheres eram bastante robustas e resistentes para participar das expedições dos guerreiros.** Segundo as narrativas de Heródoto, as descrições relativas às **amazonas do Daomé** e muitos outros testemunhos antigos e modernos, aconteceu de as **mulheres tomarem parte em guerras e vinditas sangrentas.** Mostravam nessas ocasiões **a mesma coragem e a mesma crueldade que os homens.** Citam-se algumas que mordiam ferozmente o fígado de seus inimigos. **Apesar de tudo,** é provável que, então como hoje, **os homens tivessem o privilégio da força física.** Na era da maça e das feras, na era em que as resistências da Natureza atingiam um ponto máximo e as ferramentas eram as mais elementares, **essa superioridade devia ter uma enorme importância.** Em todo caso, por robustas que fossem as mulheres, na luta contra o mundo hostil as **servidões da reprodução** representavam para elas um terrível **handicap:** conta-se que as amazonas mutilavam os seios, o que significava que, pelo menos durante o período de sua vida

História/África



■ Amazonas do Daomé: guerreiras africanas do Daomé, também conhecidas como as guerreiras de Mino (atual Benin). Exército de mulheres criado no início do século XVII, e por quase 200 anos dominou e prevaleceu invicto. As amazonas do Daomé eram mulheres altas e fisicamente fortes, rigidamente disciplinadas. Elas utilizavam como vestimentas uma túnica e um par de calças na altura do joelho e usavam diversas armas, incluindo espadas curtas, adagas, machados, arcos e lanças. No século XIX foi adicionada aos utensílios de luta até mesmo armas de fogo. Além de participar dos combates, também realizavam tarefas de carrasco, fazendo execuções de prisioneiros.

Arte/Grafite

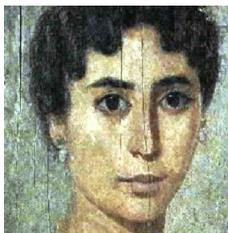


■ Artista francesa YZ Yseult fez diversos grafites em Benin resgatando a história das amazonas de Daomé.

Vocabulário

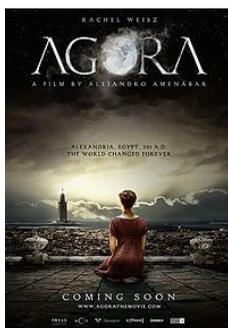
Handicap: termo inglês que significa vantagem ou desvantagem. Pode significar também obstáculos, dificuldades, incapacidade. Beauvoir utiliza tal conceito referindo-se ao segundo sentido (obstáculo).

Filosofia/Matemática



■ Hipácia (350 d.C. - 415 d.C.)
Filósofa neoplatonista, matemática e astrônoma do “Egito Romano”. É considerada a primeira mulher da matemática e a última intelectual de destaque da Alexandria. Foi morta de forma brutal, acusada de bruxaria.

Filmes/Cinema



■ Alexandria (Ágora) – 2009
Direção: Alejandro Amenábar



■ A atriz britânica Rachel Weisz interpretou a filósofa Hipácia na superprodução espanhola *Alexandria (Ágora)*.

guerreira, **recusavam a maternidade**. Quanto às mulheres normais, a gravidez, o parto, a menstruação diminuam sua capacidade de trabalho e condenavam-nas a longos períodos de impotência. Para se defender contra os inimigos, para assegurar sua manutenção e a da prole, elas necessitavam da proteção dos guerreiros, e do produto da caça, da pesca a que se dedicavam os homens; como não havia evidentemente nenhum controle dos nascimentos, como a Natureza não assegura à mulher períodos de esterilidade como às demais fêmeas de mamíferos, as maternidades repetidas deviam absorver a maior parte de suas forças e de seu tempo. Não eram capazes de assegurar a vida dos filhos que pariam. E eis um primeiro fato de pesadas consequências: os primeiros tempos da espécie humana foram difíceis. Os povos coletores, caçadores e pescadores só extraíam do solo parcas riquezas e à custa de duros esforços. Nasciam crianças demais em relação aos recursos da coletividade; a fecundidade absurda da mulher impedia-a de participar ativamente na ampliação desses recursos, ao passo que criava indefinidamente novas necessidades. Imprescindível à perpetuação da espécie, perpetuava-se de maneira exagerada: o homem é que assegurava o equilíbrio da reprodução e da produção. Assim, a mulher não tinha sequer o privilégio de manter a vida em face do macho procriador; não desempenhava o papel do óvulo em relação ao espermatozoide, da matriz em relação ao falo; só tinha uma parte no esforço da espécie humana por perseverar em seu ser, e era graças ao homem que esse esforço se realiza concretamente.

Entretanto, como o equilíbrio da produção-reprodução consegue sempre estabelecer-se, ainda que à custa de infanticídios, de sacrifícios, de guerras, **homens e mulheres do ponto de vista da sobrevivência coletiva são igualmente necessários**. Poder-se-ia mesmo supor que, em certos estágios de abundância alimentar, **seu papel protetor e nutritivo tenha subordinado o macho à mulher-mãe**. Há fêmeas animais que encontram na maternidade uma completa autonomia; **por que a mulher não conseguiu fazer disso um pedestal?**

Mesmo nos momentos em que a humanidade reclamava mais asperamente maior número de nascimentos, a necessidade de mão de obra superando a de matérias-primas a explorar, mesmo nas épocas em que a maternidade foi mais venerada, **não permitiu ela que as mulheres conquistassem o primeiro lugar**. A razão está em que a humanidade não é uma simples espécie natural: ela não procura manter-se enquanto espécie; seu projeto não é a estagnação: ela tende a superar-se.

As hordas primitivas quase não se interessavam pela sua posteridade. Não estando fixadas em um território, nada possuindo, não se encarnando em nenhuma coisa estável,

não podiam ter nenhuma ideia concreta da permanência. Não tinham a preocupação de sobreviver a si mesmas e não se reconheciam na sua descendência: não temiam a morte e não reclamavam herdeiros; os filhos constituíam para elas um encargo e não uma riqueza; a prova está em que os infanticídios foram numerosos entre os povos nômades e muitos recém-nascidos que não eram exterminados morriam por falta de higiene em meio à indiferença geral. A mulher que engendra não conhece, pois, o orgulho da criação; sente-se o joguete passivo de forças obscuras, e o parto doloroso é um acidente inútil e até importuno. Mais tarde, deu-se maior importância ao filho. Contudo, engendrar, aleitar não são atividades, são funções naturais; nenhum **projeto** nelas se empenha. Eis por que nelas a mulher não encontra motivo para uma **afirmação ativa de sua existência: ela suporta passivamente seu destino biológico**. Os trabalhos domésticos a que está votada, porque só eles são conciliáveis com os encargos da maternidade, encerram-na na repetição e na imanência; reproduzem-se dia após dia sob uma forma idêntica que se perpetua quase sem modificação através dos séculos: **não produzem nada de novo**. O caso do homem é radicalmente diferente; ele não alimenta a coletividade à maneira das abelhas operárias mediante simples processo vital e sim com atos que transcendem sua condição animal. O **homo faber** é desde a origem dos tempos um inventor: já o bastão e a maça com que se arma para derrubar os frutos ou derrubar os animais são instrumentos com os quais ele aumenta seu domínio sobre o mundo. Não se atém a transportar para o lar peixes pegados nas águas, cumpre-lhe primeiramente assenhorear-se destas fabricando pirogas: para apossar-se das riquezas do mundo, ele anexa o próprio mundo. Nessa ação, experimenta seu poder: põe objetivos, projeta caminhos em direção a eles, **realiza-se como existente**. Para manter, cria; supera o presente, abre o futuro. Eis por que as expedições de caça e pesca assumem um caráter sagrado. Acolhem-se os seus êxitos com festas e triunfos; o homem neles conhece sua humanidade. Esse orgulho, ele o manifesta ainda hoje quando constrói uma barragem, um arranha-céu, uma pilha atômica. Não trabalhou somente para conservar o mundo dado: dilatou-lhes as fronteiras, lançou bases de um novo futuro.

Sua atividade tem outra dimensão que lhe dá sua **suprema dignidade**, e ela é amiúde perigosa. Se o sangue não passasse de alimento, não teria mais valor que o leite; mas o caçador não é um carniceiro: na luta contra os animais selvagens corre riscos. O guerreiro põe em jogo a própria vida para aumentar o prestígio da horda e do clã a que pertence. Com isso, **prova de maneira convincente que a vida não é para o homem o valor supremo**, que ela deve servir a fins mais importantes do que ela própria. A maior maldição que pesa sobre a mulher é estar excluída das expedições guerreiras. Não

História/Egito/Rainha



- Cleóprata (69 a.C. a 30 a.C.)
Uma das mais famosas faraós do Egito Antigo. Ela consumou uma ligação com Júlio César (Roma), que solidificou sua permanência no trono. Mais tarde, ela elevou seu filho com César, Cesário, para corregente. Cleóprata foi uma grande negociante, estrategista militar, falava seis idiomas e conhecia filosofia, literatura e arte gregas.

Filme/Cinema



- Cleóprata (1963)
Direção: Rouben Mamoulian
Elenco: Elizabeth Taylor
O filme foi criticado por representar uma Cleóprata branca/caucasiana, distante dos traços possíveis da real Cleóprata. Compare com a imagem acima.

História/França



- Joana d'Arc (1412-1431)
Joana d'Arc é uma heroína francesa e santa da igreja católica. Líder militar da Guerra dos Cem Anos. Sem nenhum conhecimento militar, convenceu na base da fé um pequeno grupo de soldados a acompanhá-la. A camponesa obteve o que parecia impossível: seu próprio exército, de cerca de 7 mil homens, e a autorização real para marchar até Orleans (a 130 km de Paris) e livrá-la do cerco inglês.

Arte



■ Camille Claudel (1864-1943)

Historinha do oito de março (Fernanda S. Franco)

Em janeiro, durante a viagem a Paris, dentre os muitos museus incríveis que pude conhecer, um dos destinos certos era o Museu Rodin. Afinal, conhecer *o Pensador*, os *Portões do Inferno* é conhecer a genialidade de um artista inigualável.

No entanto, naquele museu, eu entrei diferente. Porque ali estava a narrativa de vida de Camille Claudel.

Camille foi uma jovem brilhante, reconhecidamente brilhante, na arte da escultura tanto por seu amante e tutor, Rodin, como por toda a classe artística parisiense do virar do século XIX ao XX. Rodin afirmava inclusive que Camille influenciou a obra dele como nenhum outro artista e que muitas vezes ele se assombrou com a habilidade dela, muito superior à dele, e se inspirou em sua visão artística. Foi ela inclusive a responsável por todas as mãos e pés dos *Portões do Inferno* (é notório que Rodin explorava seus aprendizes sem qualquer menção no crédito das obras). Camille era muito mais jovem que o seu “mestre”; eles eram amantes. Ele a abandonou.

Rodin, já ao fim da vida, decidiu que aquele prédio seria o museu que levaria seu nome, decidiu quais obras suas deveriam ficar para a humanidade ali. Porque Rodin era bom demais e artista demais para não ser reconhecido.

Camille terminou sua vida em um hospício, morreu sozinha e malcuada, sem acesso a qualquer possibilidade de criar após décadas ali trancada, considerada louca porque... era boa demais e livre demais para uma mulher.

Ver ali ao vivo em meio a tantas odes ao ego do artista uma sala tímida dedicada a ela e que tinha em seu centro a escultura *L'age mûr*, o retrato de Camille jovem, desesperada clamando por Rodin, que a deixa pela companhia segura, a velhice, essa, que é a última obra de uma artista que poderia ter sido, foi um dos momentos mais belos e mais tristes que a arte já me proporcionou. Porque se Camille fosse Rodin, *L'age mûr* seria maior que *O Pensador*; ela é genial, o apogeu do encontro entre técnica, beleza e catarse artística.

Mas Camille era apenas Camille.

Hoje é oito de março, Camille. Lutamos hoje para que um dia essa data seja de comemoração.”

é dando a vida, **é arriscando-a que o homem se ergue acima do animal**; eis por que, na humanidade, a superioridade é outorgada não ao sexo que engendra e sim ao que mata.

Temos aqui a chave de todo o mistério. No nível da biologia é somente criando-se inteiramente de novo que uma espécie se mantém; mas essa criação não passa de uma repetição da mesma Vida sob formas diferentes. **É transcendendo a Vida pela Existência que o homem assegura a repetição da Vida: com essa superação, ele cria valores que denegam qualquer valor à repetição simples.** No animal, a gratuidade, a variedade das atividades do macho permanecem vãs porque nenhum projeto o habita; quando não serve a espécie, o que faz não é nada; ao passo que, servindo a espécie, **o macho humano molda a face do mundo, cria instrumentos novos, inventa, forja um futuro.** Pondo-se como soberano, ele encontra a cumplicidade da própria mulher, porque ela é também um **existente, ela é habitada pela transcendência e seu projeto não está na repetição e sim na sua superação em vista de um futuro diferente; ela acha no fundo de seu ser a confirmação das pretensões masculinas.** Associa-se aos homens nas festas que celebram os êxitos e as vitórias dos machos. Sua desgraça consiste em ter sido biologicamente votada a repetir a Vida, quando a seus próprios olhos a Vida não apresenta em si suas razões de ser e essas razões são mais importantes do que a própria vida.

Certas passagens da dialética com que **Hegel** define a relação do **senhor com o escravo** se aplicariam muito melhor à relação do **homem com a mulher**. O privilégio do senhor, diz, vem de que afirma o Espírito contra a Vida pelo fato de arriscar sua vida; mas, na realidade, o escravo vencido conheceu o mesmo risco, **ao passo que a mulher é originalmente um existente que dá a Vida e não arrisca sua vida: entre ela e o macho nunca houve combate.** A definição de **Hegel** aplica-se singularmente a ela. “A outra [consciência] é a consciência dependente para a qual a realidade essencial é a vida animal, isto é, o ser dado por uma entidade outra.” Mas essa relação distingue-se da relação de opressão porque a mulher visa e reconhece, ela também, os valores que são concretamente atingidos pelo homem: ele é que abre o futuro para o qual transcende. Em verdade, as mulheres nunca opuseram valores femininos aos valores masculinos; foram os homens, desejosos de manter as prerrogativas masculinas, que inventaram essa divisão: entenderam criar um campo de domínio feminino — reinado da vida, da imanência — tão somente para nele encerrar a mulher; mas é além de toda especificação sexual que o existente procura sua justificação no movimento de sua transcendência: a própria submissão da mulher é a prova disso. **O que elas reivindicam hoje é serem reconhecidas como existentes ao mesmo título que os homens e não de sujeitar a existência à vida, o homem à sua animalidade.**

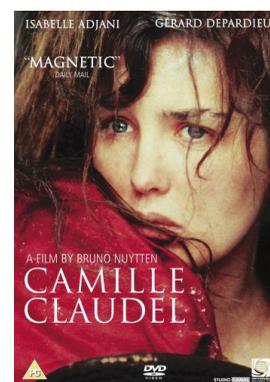
Uma **perspectiva existencial** permitiu-nos, pois, compreender como a situação biológica e econômica das hordas primitivas devia acarretar a supremacia dos machos. A fêmea, mais do que o macho, **é presa da espécie**; a humanidade sempre procurou evadir-se de seu destino específico; pela invenção da ferramenta, a manutenção da vida tornou-se para o homem atividade e projeto, ao passo que **na maternidade a mulher continua amarrada a seu corpo, como o animal**. É porque a humanidade se põe em questão em seu ser, isto é, prefere razões de viver à vida, que perante a mulher o homem se pôs como senhor; o projeto do homem não é repetir-se no tempo, é reinar sobre o instante e construir o futuro. Foi a atividade do macho que, criando valores, constituiu a existência, ela própria, como valor: **venceu as forças confusas da vida, escravizou a Natureza e a Mulher**. Cabe-nos ver agora como essa situação se perpetuou e evoluiu através dos séculos. Que lugar deu a humanidade a essa parte de si mesma que em seu seio se definiu como o Outro? Que direitos lhe reconheceram? Como a definiram os homens?

Arte

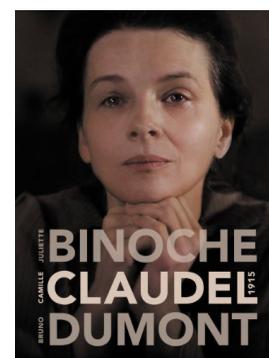


- Obra: *L'âge mur* (Idade madura)
- Data: 1898-1913
- Técnica: Prata e Bronze
- Local: Musée d'Orsay e Musée Rodin, Paris, França.

Filme/Cinema



- Camille Claudel (1988)
- Direção: Bruno Nuytten



- Camille Claudel 1915 (2013)
- Direção: Bruno Dumont

Adélia Prado

Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta,
anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me
cabem,
sem precisar mentir.
Não sou feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza
e ora sim, ora não, creio em parto
sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro
a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.
Minha tristeza não tem *pedigree*,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição
pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.

*“a mulher não encontra motivo
para uma afirmação ativa de
sua existência: ela suporta
passivamente seu destino
biológico.”*

(Simone de Beauvoir)

*“eis por que, na humanidade,
a superioridade é outorgada
não ao sexo que engendra
e sim ao que mata.”*

(Simone de Beauvoir)



ATIVIDADE 1 – PARA SABER MAIS

Coletânea de mulheres extraordinárias

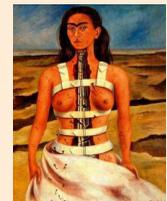
Arte: Frida Kahlo (1907-1954)



Em seu diário, publicado em 1995 e traduzido para diversas línguas, e em sua autobiografia publicada em 1953, Frida deixou registradas suas dores e sobretudo suas frustrações pela infidelidade do marido, por quem era extremamente apaixonada, e pela impossibilidade de ter filhos. Toda sua obra, constituída majoritariamente por autorretratos, reflete essa condição.

Sua primeira tragédia acontece quando ela tinha seis anos e uma poliomielite a deixou de cama por vários dias. Como seqüela, Frida fica com um dos pés atrofiado e uma perna mais fina que a outra. Mas o fato trágico que mudaria sua vida para sempre aconteceu quando ela tinha dezoito anos.

Frida na época estudava medicina na primeira turma feminina da escola Preparatória Nacional. Então, no dia 17 de setembro de 1925, na volta para casa, ela e seu noivo Alejandro Gómez Arias sofreram um grave acidente de ônibus que a deixou à beira da morte. Transpassada por uma barra de ferro pelo abdômen e sofrendo múltiplas fraturas, inclusive na coluna vertebral, Frida levou vários meses para se recuperar. Ao todo foram necessárias 35 cirurgias e mesmo depois da recuperação ela teria complicações por causa do acidente pelo resto de sua vida chegando a relatar: “E a sensação nunca mais me deixou, de que meu corpo carrega em si todas as chagas do mundo.”.



■ Fonte e texto completo: <http://www.infoescola.com/biografias/frida-kahlo/>

Ciência: Marie Curie (1867-1934)



Foi uma física e química polonesa. Apesar de ser uma excelente aluna na escola, ela foi impedida de entrar no ensino superior regular, que só aceitava homens. Ela lutou contra o preconceito e tornou-se uma cientista genial. Foi a primeira mulher a ganhar um Prêmio Nobel e a primeira pessoa a ganhar dois prêmios Nobel em áreas diferentes.

Matemática/Computação: Ada Lovelace (1815-1852)



É considerada a primeira programadora do mundo, muito antes da nossa ideia atual de computador pessoal existir. Nasceu em 1815, no Reino Unido, e era filha de Lorde Byron, a única filha legítima do escritor com sua esposa Anne Isabella. Cresceu em um ambiente de lógica e de estudos matemáticos e logo seus talentos com os números a aproximaram do professor e inventor Charles Babbage. Os estudos dos dois permaneceram quase esquecidos, até que as anotações de Lovelace foram republicadas e se tornaram essenciais para inspirar o trabalho de Alan Turing sobre os primeiros computadores modernos na década de 1940.

História/Brasil: Maria Quitéria de Jesus (1789-1853)

Foi uma militar brasileira, heroína da Guerra da Independência. Teve que se disfarçar de homem meses antes para poder lutar contra os portugueses nas batalhas travadas na Bahia. É considerada a primeira mulher a assentar praça numa unidade militar das Forças Armadas Brasileiras e a primeira mulher a entrar em combate pelo Brasil, em 1823.

História/Brasil: Anita Garibaldi (1821-1949)

Companheira do revolucionário Giuseppe Garibaldi, Ana Maria de Jesus Ribeiro, a Anita Garibaldi, é conhecida como a Heroína dos Dois Mundos. Após se apaixonar pelo revolucionário, a catarinense se entregou aos ideais democráticos e liberais, aprendeu a lutar com espadas e usar armas de fogo, convertendo-se em uma guerreira que o acompanharia em todos os combates. O casal participou de uma batalha em Curitiba, que resultou em uma fuga de ambos para Montevidéu. Anita morreu em San Martino, no Uruguai, de febre tifoide e foi enterrada na colina de Gianicolo, em Roma, onde Garibaldi e sua esposa são homenageados com estátuas.

História/Rússia: Valentina Tereshkova (1937-)

Foi a primeira mulher a viajar para o espaço, em 16 de junho de 1963. Ela encarnava o ideal soviético completamente. Nasceu em uma família comunista de trabalhadores operários e rurais na Rússia. Seu pai era motorista de trator e sua mãe, funcionária de uma fábrica têxtil. Desde cedo, a jovem já curti se aventurar – e esse foi um dos fatores determinantes para a sua escolha. Por gosto, começou a participar de um clube de paraquedistas amadores e deu seu primeiro salto aos 22 anos.

Arte/França: Coco Chanel (1883-1971)

Agradeça a Gabrielle Bonheur Chanel por poder usar suas calças compridas e seu vestido tubinho. A estilista francesa inverteu os padrões da moda nos anos 20 e conseguiu atribuir ao vestuário feminino, peças masculinas e roupas que valorizam as curvas. Para completar, lançou o clássico perfume Chanel n.º5 (seu número da sorte) e o corte acima dos ombros.

História/Brasil: Maria da Penha Maia Fernandes (1945-)

Por trás de um nome simples está uma das mulheres mais importantes da história recente do Brasil. Maria da Penha Maia Fernandes é líder de movimentos de defesa dos direitos das mulheres e vítima de violência doméstica — ficou paraplégica ao levar um tiro do marido enquanto dormia.

O nome dela virou Lei em 2006, estabelecendo o aumento das punições às agressões contra a mulher e uma série de medidas para proteger a integridade física e psicológica de mulheres vítimas de violência.

■ TEXTO 4 – EDUCAÇÃO APÓS AUSCHWITZ

Autor: Theodor Adorno

Tradução: Wolfgang Leo Maar

A exigência que **Auschwitz** não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la. Não consigo entender como até hoje mereceu tão pouca atenção. Justificá-la teria algo de monstruoso em vista de toda monstruosidade ocorrida. Mas a pouca consciência existente em relação a essa exigência e as questões que ela levanta provam que a monstruosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência da possibilidade de que se repita no que depender do estado de consciência e de inconsciência das pessoas. Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. **Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação.** Fala-se da ameaça de uma regressão à barbárie. Mas não se trata de uma ameaça, pois Auschwitz foi a regressão; a barbárie continuará existindo **enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão.** É isto que apavora. Apesar da não visibilidade atual dos infortúnios, a pressão social continua se impondo. Ela impele as pessoas em direção ao que é indescritível e que, nos termos da história mundial, culminaria em Auschwitz. Dentre os conhecimentos proporcionados por **Freud**, efetivamente relacionados inclusive à cultura e à sociologia, um dos mais perspicazes parece-me ser aquele de que a civilização, por seu turno, origina e fortalece progressivamente o que é anticivilizatório. Justamente no que diz respeito a Auschwitz, os seus ensaios **O mal-estar na cultura e Psicologia de massas e análise do eu** mereceriam a mais ampla divulgação. **Se a barbárie encontra-se no próprio princípio civilizatório, então pretender se opor a isso tem algo de desesperador.**

A reflexão a respeito de como evitar a repetição de Auschwitz é obscurecida pelo fato de precisarmos nos conscientizar desse elemento desesperador, se não quisermos cair presas da retórica idealista. Mesmo assim é preciso tentar, inclusive porque tanto a estrutura básica da sociedade como os seus membros, responsáveis por termos chegado onde estamos, não mudaram nesses vinte e cinco anos. Milhões de pessoas inocentes, **e só o simples fato de citar números já é humanamente indigno, quanto mais discutir quantidades – foram assassinadas de uma maneira planejada.** Isto não pode ser minimizado por nenhuma pessoa viva como sendo um fenômeno superficial, como sendo uma aberração no curso da história, que não importa, em face da tendência dominante do progresso, do esclarecimento, do humanismo supostamente crescente. **O simples fato de ter ocorrido já constitui por si só expressão de uma tendência social imperativa.** Nesta medida gostaria de remeter a um evento, que de um modo muito

Filosofia



<https://goo.gl/SuDJR>

■ Theodor Adorno (1903-1969)

Foi um filósofo, sociólogo, musicólogo e compositor alemão. É um dos expoentes da chamada Escola de Frankfurt, juntamente com Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas, dentre outros.

Texto Educação após

Auschwitz: texto lido em uma emissora de rádio e depois publicado na obra *Minima Moralia*.



<https://goo.gl/a8Umj1>

Auschwitz: “Milhões de pessoas inocentes, e só o simples fato de citar números já é humanamente indigno, quanto mais discutir quantidades, foram assassinadas de uma maneira planejada.”



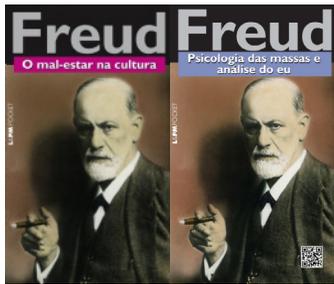
<https://goo.gl/79WV5H>



<https://goo.gl/PBtGDD>

Na primeira foto, tirada em 1944, funcionários de Auschwitz brincam entre si, divertem-se. Na segunda foto, pilha de cadáveres em Auschwitz.

Filosofia



■ Sigmund Freud (1856-1939):
O Mal-estar na cultura e Psicologia de massas e análise do eu

“Pessoas que se enquadram cegamente no coletivo fazem de si mesmas meros objetos materiais, anulando-se como sujeitos dotados da motivação própria.”

(Educação e Emancipação.
Theodor Adorno)

História

Enver Pascha: foi um oficial militar e político turco, um dos líderes da revolução organizada pelos chamados *Jovens Turcos*. Enver foi um dos responsáveis pelo genocídio armênio.

Talaat Pascha: ministro do Interior da Turquia durante a 1.ª Guerra Mundial, ordenou em 24 de abril de 1915, a prisão de líderes armênios em Constantinopla, e vigorou a Lei Tehcir de Maio de 1915 que iniciou o Genocídio da população armênia do Império Otomano. Foi morto por um armênio, em 1921.

Genocídio Armênio foi o extermínio sistemático pelo governo otomano de seus súditos armênios, minoritários dentro de sua pátria histórica, que se encontra no território que constitui a atual República da Turquia. O número total de pessoas mortas como resultado do genocídio é estimado entre 800 mil e 1,5 milhão. O dia 24 de abril de 1915 é convencionalmente considerado a data de início dos massacres, quando as autoridades otomanas caçaram, prenderam e executaram cerca de 250 intelectuais e líderes comunitários armênios em Constantinopla.



<https://goo.gl/vtKtYZ>

Mulheres cruxificadas durante o genocídio armênio. Autor desconhecido.

sintomático parece pouco conhecido na Alemanha, apesar de constituir a temática de um *best-seller* como **Os quarenta dias de Musa Dagh**, de Werfel. Já na Primeira Guerra Mundial os turcos – o assim chamado movimento turco jovem dirigido por Enver Pascha e Talaat Pascha –, **mandaram assassinar mais de um milhão de armênios**. Importantes quadros militares e governamentais, embora, ao que tudo indica, soubessem do ocorrido, guardaram sigilo estrito. O genocídio tem suas raízes naquela **ressurreição do nacionalismo agressor** que vicejou em muitos países a partir do fim do século XIX.

Além disso não podemos evitar ponderações no sentido de que a **invenção da bomba atômica**, capaz de matar centenas de milhares literalmente de um só golpe, **insere-se no mesmo nexo histórico que o genocídio**. Tornou-se habitual chamar o aumento súbito da população de explosão populacional: parece que a fatalidade histórica, para fazer frente à explosão populacional, dispõe também de contraexplosões, o morticínio de populações inteiras. Isto só para indicar como as forças às quais é preciso se opor integram o curso da história mundial.

Como hoje em dia é extremamente limitada a possibilidade de mudar os pressupostos objetivos, isto é, sociais e políticos que geram tais acontecimentos, as tentativas de se contrapor à repetição de Auschwitz são impedidas necessariamente para o lado subjetivo. Com isto refiro-me sobretudo também à psicologia das pessoas que fazem coisas desse tipo. **Não acredito que adianta muito apelar a valores eternos, acerca dos quais justamente os responsáveis por tais atos reagiriam com menosprezo; também não acredito que o esclarecimento acerca das qualidades positivas das minorias reprimidas seja de muita valia. É preciso buscar as raízes nos perseguidores e não nas vítimas, assassinadas sob os pretextos mais mesquinhos.** Torna-se necessário o que a esse respeito uma vez denominei de **inflexão em direção ao sujeito**. É preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, é preciso revelar tais mecanismos a eles próprios, procurando impedir que se tornem novamente capazes de tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca desses mecanismos. Os culpados não são os assassinados, nem mesmo naquele sentido caricato e sofista que ainda hoje seria do agrado de alguns. **Culpados são unicamente os que, desprovidos de consciência, voltaram contra aqueles seu ódio e sua fúria agressiva.** É necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. **A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica.** Contudo, na medida em que, conforme os ensinamentos da psicologia profunda, todo caráter, inclusive daqueles que mais tarde praticam crimes, forma-se na primeira infância, a educação que tem por objetivo evitar a repetição **precisa se concentrar na primeira infância**. Já mencionei a tese de Freud acerca do mal-estar na cultura. Ela é ainda mais abrangente do

que ele mesmo supunha: sobretudo porque, entretantes, a pressão civilizatória observada por ele multiplicou-se em uma escala insuportável. Por essa via as tendências à explosão a que ele atentara atingiriam uma violência que ele dificilmente poderia imaginar; porém o mal-estar na cultura tem seu lado social – o que Freud sabia, embora não o tenha investigado concretamente. É possível falar da claustrofobia das pessoas no mundo administrado, um sentimento de encontrar-se enclausurado numa situação cada vez mais socializada, como uma rede densamente interconectada. Quanto mais densa é a rede, mais se procura escapar, ao mesmo tempo em que precisamente a sua densidade impede a saída. Isto aumenta a raiva contra a civilização. Esta torna-se alvo de uma rebelião violenta e irracional.

Um esquema sempre confirmado na história das perseguições é o de que a violência contra os fracos se dirige principalmente contra os que são considerados socialmente **fracos** e, ao mesmo tempo, seja isto verdade ou não, **felizes**. De uma perspectiva sociológica eu ousaria acrescentar que **nossa sociedade, ao mesmo tempo em que se integra cada vez mais, gera tendências de desagregação**. Essas tendências encontram-se bastante desenvolvidas logo abaixo da superfície da vida civilizada e ordenada. A pressão do geral dominante sobre tudo que é particular, os homens individualmente e as instituições singulares, tem uma tendência a destroçar o particular e individual juntamente com seu potencial de resistência. Junto com sua identidade e seu potencial de resistência, as pessoas também perdem suas qualidades, graças à qual têm a capacidade de se contrapor ao que em qualquer tempo novamente seduz ao crime. Talvez elas mal tenham condições de resistir quando lhes é ordenado pelas forças estabelecidas que repitam tudo de novo, desde que apenas seja em nome de quaisquer ideais de pouca ou nenhuma credibilidade.

Quando falo de educação após Auschwitz, refiro-me a duas questões: primeiro, à educação infantil, sobretudo na primeira infância; e, além disto, ao esclarecimento geral, que produz um clima intelectual, cultural e social que não permite tal repetição; portanto, um clima em que os motivos que conduziram ao horror tornem-se de algum modo conscientes. Evidentemente não tenho a pretensão de sequer esboçar o projeto de uma educação nesses termos. Contudo, quero ao menos **indicar alguns pontos nevrálgicos**. Com frequência por exemplo, nos Estados Unidos – o espírito germânico de confiança na autoridade foi responsabilizado pelo nazismo e também por Auschwitz. Considero esta afirmação excessivamente superficial, embora na Alemanha, como em muitos outros países europeus, comportamentos autoritários e autoridades cegas perdurem com mais tenacidade sob os pressupostos da democracia formal do que se queira reconhecer. Antes é de se supor que o fascismo e o horror que produziu se relacionam com o fato de que as antigas e consolidadas

Filme/Cinema



- Uma história de loucura (2014)
Diretor: Robert Guédiguian
História do primeiro genocídio do século XX. De acordo com Freud e Adorno, a barbárie está dentro daquilo que entendemos como civilizatório. “Se a barbárie encontra-se no próprio princípio civilizatório, então pretender se opor a isso tem algo de desesperador.”

História

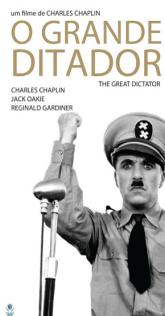


- Discurso de Hitler
Note os valores defendidos por Hitler: paz, amor, valorização da massa, do povo alemão, união, juventude, fim da divisão de classes sociais, direitos iguais a todos, obediência, valentia, força no coletivo, “unidos a nós, vocês não serão excluídos.” Pense que esses valores estão diretamente ligados à barbárie cometida pelo Reich.

Filme/Cinema



■ O grande ditador (1940)
 Direção e roteiro: Charles Chaplin
 O link abaixo é um excelente monólogo feito por Chaplin satirizando Hitler e apresentando como um discurso sedutor pode se tornar em ódio ao diferente.



https://goo.gl/mccRXA

Animação



https://goo.gl/5N1W1k

■ Children
 Educação sem sentido, que escraviza e iguala todos num único sistema. Esse vídeo é para pensarmos como as crianças estão sendo educadas. É uma denúncia a um tipo de educação que destrói a diversidade.

Filosofia

Ética kantiana: ética do dever; lei que nos diz qual é a forma correta de cumprir o dever; princípio ético fundamental que exige que eu cumpra o dever por dever, sem qualquer outra intenção ou motivo. Ex.: Matar é errado, em todos os casos, apesar de em alguns momentos ser compreensível e justificável; no entanto, matar continua sendo errado, portanto, o meu dever é não matar.

autoridades do império haviam ruído e se esfacelado, mas **as pessoas ainda não se encontravam psicologicamente preparadas para a autodeterminação**. Elas não se revelaram à altura da liberdade com que foram presenteadas de repente. É por isso que as estruturas de autoridade assumiram aquela dimensão destrutiva e, por assim dizer, de desvario que antes, ou não possuíam, ou seguramente não revelavam. Quando lembramos que visitantes de quaisquer potentados, já politicamente desprovidos de qualquer função real, levam populações inteiras a explosões de êxtase, então se justifica a suspeita de que o potencial autoritário permanece muito mais forte do que o imaginado. Porém quero enfatizar com a maior intensidade que o retorno ou não retorno do fascismo constitui em seu aspecto mais decisivo uma questão social e não uma questão psicológica. Refiro-me tanto ao lado psicológico somente porque os demais momentos, mais essenciais, em grande medida escapam à ação da educação, quando não se subtraem inteiramente à interferência dos indivíduos.

Frequentemente pessoas bem-intencionadas e que se opõem a que tudo aconteça de novo citam o conceito de vínculos de **compromisso**. A **ausência de compromissos** das pessoas seria responsável pelo que aconteceu. Isto efetivamente tem a ver com a perda da autoridade, uma das condições do pavor sadomasoquista. É plausível para o entendimento humano sadio evocar compromissos que detenham o que é sádico, destrutivo, desagregador, mediante um enfático “não debes”. Ainda assim **considero ser uma ilusão imaginar alguma utilidade no apelo a vínculos de compromisso** ou até mesmo na exigência de que se reestabeleçam vinculações de compromisso para que o mundo e as pessoas sejam melhores. A falsidade de compromissos que se exige somente para que provoquem alguma coisa, mesmo que esta seja boa, sem que eles sejam experimentados por si mesmos como sendo substanciais para as pessoas, percebe-se muito prontamente. É espantosa a rapidez com que até mesmo as pessoas mais ingênuas e tolas reagem quando se trata de descobrir as fraquezas dos superiores. Facilmente os chamados compromissos convertem-se em passaporte moral, são assumidos com o objetivo de identificar-se como cidadão confiável, ou então, produzem rancores raivosos psicologicamente contrários à sua destinação original. Eles significam uma heteronímia, um tornar-se dependente de mandamentos, de normas que não são assumidas pela razão própria do indivíduo. O que a psicologia denomina **superego**, a **consciência moral**, é substituído no contexto dos compromissos por autoridades exteriores, sem compromisso, intercambiáveis, como foi possível observar com muita nitidez também na Alemanha depois da **queda do Terceiro Reich**. Porém justamente a disponibilidade em ficar do lado do poder, tomando exteriormente como norma curvar-se ao que é mais forte, constitui aquela índole dos algozes que nunca mais deve ressurgir. Por isto a recomendação dos compromissos é tão

fatal. As pessoas que os assumem mais ou menos livremente são colocadas numa espécie de permanente estado de exceção de comando. O único poder efetivo contra o princípio de Auschwitz seria autonomia, para usar a expressão **kantiana**; o poder para a reflexão, a autodeterminação, a não participação.

Certa vez uma experiência me assustou muito: numa viagem ao lago de Constância, eu lia num jornal de Baden em que se informava acerca da peça *Mortos sem sepultura*, de **Sartre**, que representa as situações mais terríveis. A peça incomodava visivelmente o crítico. Mas ele não explicou este incômodo mediante o horror da coisa que constitui o horror de nosso mundo, mas torceu a questão como se, frente a uma posição como a de Sartre, que se ocupara do problema, nós tivéssemos, por assim dizer, um sentido para algo mais nobre: que não poderíamos reconhecer a ausência de sentido do horror. Resumindo: o crítico procurava se subtrair ao confronto com o horror graças a um sofisticado palavrório existencial. O perigo de que tudo aconteça de novo está em que não se admite o contato com a questão, rejeitando até mesmo quem apenas a menciona, como se, ao fazê-lo sem rodeios, este se tornasse o responsável, e não os verdadeiros culpados.

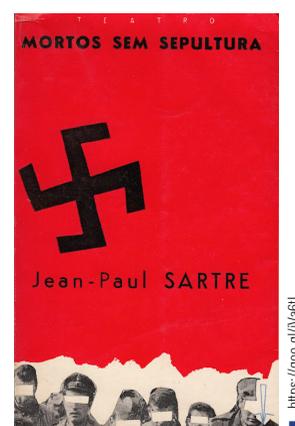
Em relação ao problema de autoridade e barbárie considero importante um aspecto que geralmente passa quase despercebido. Ele é mencionado numa observação do livro *O Estado da SS*, de **Eugen Kogon**, que contém abordagens importantes deste todo complexo e que não recebeu a atenção merecida por parte da ciência e da pedagogia. Kogon afirma que os alcoses do campo de concentração em que ele mesmo passou anos eram em sua maioria jovens filhos de camponeses. A diferença cultural ainda persistente entre a cidade e o campo constitui uma das condições do horror, embora certamente não seja nem a única nem a mais importante. Repudio qualquer sentimento de superioridade em relação à população rural. Sei que ninguém tem culpa por nascer na cidade ou se formar no campo. Mas registro apenas que provavelmente no campo o insucesso da desbarbarização foi ainda maior. Mesmo a televisão e os outros meios de comunicação de massa, ao que tudo indica, não provocaram muitas mudanças na situação de **defasagem cultural**. Parece-me mais correto afirmar isto e procurar uma mudança do que elogiar de uma maneira nostálgica quaisquer qualidades especiais da vida rural ameaçadas de desaparecer. Penso até que a desbarbarização do campo constitui um dos objetivos educacionais mais importantes. Evidentemente ela pressupõe um estudo da consciência e do inconsciente da respectiva população. Sobretudo é preciso atentar ao impacto dos modernos meios de comunicação de massa sobre um estado de consciência que ainda não atingiu o nível do liberalismo cultural burguês do século XIX.

Literatura



■ O Estado da SS (1946)
Autor: Eugen Kogon

Teatro



■ Mortos sem sepultura (1946)
Autor: Jean-Paul Sartre

Filosofia

Terceiro Reich

Os nazistas tentaram legitimar o seu poder retratando o seu regime como uma continuação do Sacro Império Romano (O Primeiro Reich) e do Segundo Reich (1871-1918). Eles cunharam o termo *Das Dritte Reich* (“O Terceiro Império” – geralmente traduzido parcialmente como “O Terceiro Reich”). Hitler denominou esse regime de *Reich de Mil Anos*, pois segundo ele o Reich não apenas sobreviveria por todo este tempo, como também não seriam necessárias mais modificações. Durante o Anschluss (unificação) com a Áustria em 1938 a propaganda nazista também utilizou o slogan político *Ein Volk, ein Reich, ein Führer* (“Um povo, um Reich, um líder”).

Sugestão de leitura



<https://goo.gl/np2e-1b>

- *O terceiro Reich* (3 volumes: *A chegada do terceiro Reich*, *O terceiro Reich no Poder*, *O terceiro Reich em Guerra*). Autor: Richard J. Evans

Vídeo/YouTube



<https://goo.gl/ZWPF63>

- O vídeo apresenta de modo didático as principais ideias da Escola de Frankfurt e da Teoria Crítica.

“Culpados são unicamente os que, desprovidos de consciência, voltaram contra aqueles seu ódio e sua fúria agressiva.(...). A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica.”

(Theodor Adorno)

Música



<https://goo.gl/80G0Ubd>

- Another Brick In The Wall Pink Floyd (1979)

Para mudar essa situação, o sistema normal de escolarização, frequentemente bastante problemático no campo, seria insuficiente. Penso numa série de possibilidades. Uma seria, e estou improvisando, o planejamento de transmissões de televisão atendendo pontos nevrálgicos daquele peculiar estado de consciência. Além disto, imagino a formação de grupos e colunas educacionais móveis de voluntários que se dirijam ao campo e procurem preencher as lacunas mais graves por meio de discussões, de cursos e de ensino suplementar. **Naturalmente sei que dificilmente essas pessoas serão muito bem-vistas.** Mas com o passar do tempo se estabelecerá um pequeno círculo que se imporá e que talvez tenha condições de se irradiar.

Entretanto não deve haver nenhum mal-entendido quanto à inclinação arcaica pela violência existente também nas cidades, principalmente nos grandes centros. Tendências de regressão — ou seja, pessoas com traços sádicos reprimidos — são produzidas por toda parte pela tendência social geral. Nessa medida quero lembrar a relação perturbada e patogênica com o corpo que **Horkheimer** e eu descrevemos na **Dialética do esclarecimento**. Em cada situação em que a consciência é mutilada, isto se reflete sobre o corpo e a esfera corporal de uma forma não livre e que propicia à violência. Basta prestar atenção em certo tipo de pessoa inculta como até mesmo a sua linguagem, principalmente quando algo é criticado ou exigido, se torna ameaçadora, como se os gestos da fala fossem de uma violência corporal quase incontrolada. Aqui seria preciso estudar também **a função do esporte**, que ainda não foi devidamente reconhecida por uma psicologia social crítica. O esporte é ambíguo: por um lado, ele pode ter um efeito contrário à barbárie e ao sadismo, por intermédio do *fairplay*, do cavalheirismo e do respeito pelo mais fraco. Por outro, em algumas de suas modalidades e procedimentos, ele pode promover a agressão, a brutalidade, o sadismo, principalmente no caso de espectadores, que pessoalmente não estão submetidos ao esforço e à disciplina do esporte; são aqueles que costumam gritar nos campos esportivos. É preciso analisar de uma maneira sistemática essa ambiguidade. Os resultados teriam que ser aplicados à vida esportiva na medida da influência da educação sobre a mesma.

Tudo isso se relaciona de um modo ou outro à velha estrutura vinculada à autoridade, a modos de agir, eu quase diria, “do velho e bom caráter autoritário”. Mas aquilo que gera Auschwitz, os tipos característicos ao mundo de Auschwitz, constituem presumivelmente algo de novo. Por um lado, eles representam a **identificação cega com o coletivo**. Por outro, são talhados para **manipular massas**, coletivos, tais como os Himmler, Höss, Eichmann. Considero que o mais importante para enfrentar o perigo de que tudo se repita **é contrapor-se ao poder cego de todos os coletivos**, fortalecendo a resistência frente aos mesmos **por meio do esclarecimento**

do problema da coletivização. Isto não é tão abstrato quanto possa parecer ao entusiasmo participativo, especialmente das pessoas jovens, de consciência progressista. O ponto de partida poderia estar no sofrimento que os coletivos infligem e se filiam a eles. Basta pensar nas primeiras experiências de cada um na escola. É preciso se opor àquele tipo de *folk-ways*, **hábitos populares**, ritos de iniciação de qualquer espécie, que infligem dor física, muitas vezes insuportável, a uma pessoa como preço do direito de ela se sentir um filiado, um membro do coletivo. A brutalidade de hábitos tais como os **troles** de qualquer ordem, ou quaisquer outros costumes arraigados desse tipo, **é precursora imediata da violência nazista.** Não foi por acaso que os nazistas enalteciam e cultivaram tais barbaridades com o nome de “costumes”. Eis aqui um campo muito atual para a ciência. Ela poderia inverter decididamente essa tendência da etnologia encampada com entusiasmo pelos nazistas, para refrear esta sobrevida simultaneamente brutal e fantasmagórica desses divertimentos populares.

Tudo isso tem a ver com um pretensão ideal que desempenha um papel relevante na **educação tradicional em geral: a severidade.** Esta pode até mesmo remeter a uma afirmativa de **Nietzsche**, por mais humilhante que seja, e embora, ele na verdade pensasse em outra coisa. Lembro que durante o processo sobre Auschwitz, em um de seus acessos, o terrível Boger culminou num **elogio à educação baseada na força e voltada à disciplina.** Ela seria necessária para constituir o tipo de homem que lhe parecia adequado. Essa ideia educacional da **severidade**, em que irrefletidamente muitos podem até acreditar, **é totalmente equivocada.** A ideia de que a **virilidade** consiste num grau máximo da capacidade de **suportar dor** de há muito se converteu em fachada de um masoquismo que, como mostrou a psicologia, se identifica com muita facilidade ao **sadismo.** O elogiado objetivo de “ser duro” de tal educação **significa indiferença contra a dor em geral.** No que, inclusive, nem se diferencia tanto a **dor do outro** e a **dor de si próprio.** Quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas **manifestações precisou ocultar e reprimir.** Tanto é necessário tornar consciente esse mecanismo quanto se impõe a promoção de uma educação que não permita a dor e a capacidade de suportá-la, como acontecia antigamente. Dito de outro modo: a educação precisa levar a sério o que já é de conhecimento, há muito tempo, da filosofia. **O medo não deve ser reprimido.** Quando o medo não é reprimido, quando nos permitimos ter realmente tanto medo quanto esta realidade exige, então justamente por essa via desaparecerá provavelmente grande parte dos efeitos deletérios do medo inconsciente e reprimido.

Pessoas que se enquadram cegamente em coletivos convertem a si próprios em algo como um material, dissolvendo-se como seres autodeterminados. Isto combina

Filme/Cinema



■ Ele está de volta / Er ist wieder da (2015)

Direção: David Wnendt

Excelente filme, baseado no livro de mesmo título. Adolf Hitler acorda em um terreno baldio em Berlim, no ano de 2011, sem memória alguma do que aconteceu depois de 1945. Perdido, ele se vê em uma sociedade completamente diferente, onde não há partido nazista, guerra e o país é governado por uma mulher. Ele é reconhecido pelas pessoas que acreditam que seja apenas um artista que não consegue sair do seu personagem. Mas um discurso de Hitler é viralizado na internet, e a partir daí todos querem ouvi-lo, saber sobre ele, até que ganha um programa de televisão no qual propaga suas ideias ao mesmo tempo em que tenta convencer a todos que ele é quem realmente diz ser.



■ A Onda (2005)

Direção: Dennis Gansel

Filme baseado em fatos reais, mostra como o modelo autocrático pode ser fascinante e, ao mesmo tempo, perturbador. As pessoas são carentes de líderes e, por vezes, necessitam identificar-se com uma ideologia.

Música



<https://goo.gl/WL0eAD>

■ Pipes Of Peace (1983)
 Autor: Paul McCartney
 A música de Paul McCartney retrata um acontecimento verídico durante a Primeira Guerra Mundial. Soldados inimigos de diferentes nacionalidades comemoram o natal na terra de ninguém. A música valoriza a diversidade e prioriza o ser humano.

“Quando falo de educação após Auschwitz, refiro-me a duas questões: primeiro, à educação infantil, sobretudo na primeira infância; e, além disto, ao esclarecimento geral, que produz um clima intelectual, cultural e social que não permite tal repetição; portanto, um clima em que os motivos que conduziram ao horror tornem-se de algum modo conscientes.”

(Adorno)

Documentário/Pedagogia



<https://goo.gl/6ZF1ej>

■ A Educação Proibida (2012)
 Direção: Germán Doin Campos
 Através de 45 experiências educativas fora dos padrões tradicionais, que foram analisadas em 90 entrevistas com pessoas de oito países diferentes, o documentário A Educação Proibida se propõe a questionar as lógicas da escolarização moderna e a forma de entender a educação. Além de apresentar vias alternativas para como crianças e adolescentes estão sendo educados, o filme demonstra as falhas do modelo de educação vigente, que produz cidadãos doutrinados pelo sistema e que proíbe qualquer ato que não esteja conforme a norma estabelecida por ele.

“Todo mundo fala de paz, mas ninguém educa para a paz. As pessoas educam apenas para a competição e a competição leva à guerra.”



<https://goo.gl/1Kzji>

com a disposição de tratar outros como sendo uma massa amorfa. Para os que se comportam dessa maneira utilizei o termo “caráter manipulador” em *Authoritarian personality* (A personalidade autoritária), e isto quando ainda não se conhecia o diário de Höss ou as anotações de Eichmann. Minhas descrições do caráter manipulador datam dos últimos anos da Segunda Guerra Mundial. Às vezes a psicologia social e a sociologia conseguem construir conceitos confirmados empiricamente só muito tempo depois. **O caráter manipulador**, e qualquer um pode acompanhar isto a partir das fontes disponíveis acerca desses líderes nazistas, se distingue pela fúria organizativa, pela incapacidade total de levar a cabo experiências humanas diretas, por um certo tipo de ausência de emoções, por um realismo exagerado. A qualquer custo ele procura praticar uma pretensa, embora delirante, *realpolitik*. Nem por um segundo sequer ele imagina o mundo diferente do que ele é, possesso pela vontade de fazer coisas, indiferente ao conteúdo de tais ações. Ele faz do ser atuante, da atividade, da chamada *efficiency*, enquanto tal, um culto, cujo eco ressoa na propaganda do homem ativo. Este tipo encontra-se, entretantes, a crer em minhas observações e generalizando algumas pesquisas sociológicas, muito mais disseminado do que se poderia imaginar. O que outrora era exemplificado apenas por alguns monstros nazistas pode ser constatado hoje a partir de casos numerosos, como **delinquentes juvenis**, **líderes de quadrilhas** e tipos semelhantes, diariamente presentes no noticiário. Se fosse obrigado a resumir em uma fórmula esse tipo de **caráter manipulador**, o que talvez seja equivocado embora útil à compreensão, eu o denominaria de o tipo da **consciência coisificada**. No começo as pessoas desse tipo se tornam por assim dizer iguais a coisas. Em seguida, na medida em que o conseguem, tornam os outros iguais a coisas. Isto é muito bem traduzido pela expressão *aprontar*, que goza de igual popularidade entre os valentões juvenis e entre os nazistas. Esta expressão *aprontar* define as pessoas como sendo coisas aprontadas em seu duplo sentido. Conforme Max Horkheimer, a tortura é a adaptação controlada e devidamente acelerada das pessoas aos coletivos. Algo disso encontra-se no espírito da época, por menos procedente que seja falar em espírito nesses termos. Enfim, resumirei citando Paul Valéry, que antes da última Guerra Mundial disse que **a desumanidade teria um grande futuro**. É particularmente difícil confrontar esta questão porque aquelas pessoas manipuladoras, no fundo incapazes de fazer experiências, por isto mesmo revelam traços de incomunicabilidade, no que se identificam com certos doentes mentais ou personalidades psicóticas.

Nas tentativas de atuar contrariamente à repetição de Auschwitz pareceu-me fundamental produzir **inicialmente** uma certa clareza acerca do modo de **constituição do caráter manipulador**, para **em seguida** poder **impedir da melhor maneira possível a sua formação**, pela transformação das

condições para tanto. Quero fazer uma proposta concreta: utilizar todos os métodos científicos disponíveis, em especial psicanálise durante muitos anos, para estudar os culpados por Auschwitz, visando se possível descobrir **como uma pessoa se torna assim**. O que aqueles ainda podem fazer de bom é contribuir, em contradição com a própria estrutura de sua personalidade, no sentido de que as coisas não se repitam. E essa contribuição só ocorreria na medida em que colaborassem na investigação de sua gênese. **Obviamente seria difícil levá-los a falar; em nenhuma hipótese poder-se-ia aplicar qualquer procedimento semelhante a seus próprios métodos para aprender como eles se tornaram do jeito que são.** De qualquer modo, entretanto eles se sentem, justamente em seu coletivo, com a sensação de que todos são velhos nazistas, tão protegidos, que praticamente **nenhum demonstrou nem ao menos remorsos**. Porém presumivelmente também neles, ou em alguns deles, existem pontos de apoio psicológicos mediante os quais seria possível mudar isto, como, por exemplo, seu **narcisismo**, ou, dito simplesmente, **seu orgulho**. Eles se sentirão importantes ao poder falar livremente a seu respeito, tal como Eichmann, cujas falas aparentemente preenchem fileiras inteiras de volumes. Finalmente, é de supor que também nessas pessoas, aprofundando-se suficientemente a busca, existam restos da velha instância da consciência moral que se encontra atualmente em grande parte em processo de dissolução. Na medida em que se conhecem as condições internas e externas que os tornaram assim, pressupondo por hipótese que esse conhecimento é possível, **seria possível tirar conclusões práticas que impeçam a repetição de Auschwitz**. A utilidade ou não de semelhante tentativa só se mostrará após sua concretização; não pretendo superestimá-la. É preciso lembrar que as pessoas não podem ser explicadas automaticamente a partir de condições como estas. Em condições iguais alguns se tornaram assim, e outros de um jeito bem diferente. Mesmo assim valeria a pena. **O mero questionamento de como se ficou assim já encerraria um potencial esclarecedor**. Pois um dos momentos do estado de consciência e de inconsciência daninhos está em que seu ser, assim que se é de um determinado modo e não de outro, **é apreendido equivocadamente como natureza, como um dado imutável e não como resultado de uma formação**. Mencionei o conceito de **consciência coisificada**. Esta é sobretudo uma consciência que se defende em relação a qualquer **vir-a-ser**, frente a qualquer apreensão do próprio condicionamento, impondo como sendo absoluto o que existe de um determinado modo. Acredito que o rompimento desse mecanismo impositivo seria recompensador.

No que diz respeito à **consciência coisificada**, além disto, é preciso examinar também a **relação com a técnica**, sem restringir-se a pequenos grupos. **Esta relação é tão ambígua quanto a do esporte**, com que, aliás, tem afinidade. Por um lado, é certo que todas as épocas produzem as

Vocabulário

Sadismo: satisfação, prazer com a dor alheia; perversão caracterizada pela obtenção de prazer sexual com a humilhação ou sofrimento físico de outrem.

Narcisismo: amor de um indivíduo por si próprio ou por sua própria imagem, uma referência ao mito de Narciso.

Vir-a-ser: conceito filosófico que faz referência às transformações. Sinônimos: devir, mudança, transformação.

Fetichismo: objeto inanimado ou parte do corpo considerada como possuidora de qualidades humanas, mágicas ou eróticas.

Filosofia



- Max Horkheimer (1895-1973) Foi um filósofo e sociólogo alemão. Fez parte do círculo de intelectuais da denominada Escola de Frankfurt.

<https://goo.gl/vxHfrc4>

Esporte

“Eles representam a identificação cega com o coletivo.”



<https://goo.gl/dHfHX>

Rituais de iniciação

Atos violentos, humilhações e até mortes são cada vez mais frequentes quando o assunto é o trote universitário. No final de 2014, diversas estudantes relataram casos de abusos sexuais ocorridos em festas e no próprio *campus*, o que elevou a discussão para outro patamar. Muitos responsáveis, porém, não foram denunciados ou punidos. Simbolicamente, o trote é um rito de iniciação estudantil para a vida acadêmica.

- Fonte: <https://vestibular.uol.com.br/>

Esporte

“O esporte é ambíguo: por um lado, ele pode ter um efeito contrário à barbárie e ao sadismo, por intermédio do fairplay, do cavalheirismo e do respeito pelo mais fraco. Por outro, em algumas de suas modalidades e procedimentos, ele pode promover a agressão, a brutalidade, o sadismo, principalmente no caso de espectadores, que pessoalmente não estão submetidos ao esforço e à disciplina do esporte; são aqueles que costumam gritar nos campos esportivos.”

(Adorno)

Música



<https://goo.gl/ImoxUlp>

■ Amerika (2004)

Autor: Rammstein

Todos nós vivemos na América, um mundo unidimensional, com uma única possibilidade. A banda alemã Rammstein denuncia os males da globalização, afirma a morte da diversidade cultural. Na imagem, monges tibetanos comem hambúrguer e tomam refrigerante. Veja o clipe da música no *link*. Várias referências criticam a vida no mundo contemporâneo.

Filosofia

“o homem é um animal político”

Aristóteles

Vocabulário

Mônada: átomo inextenso com atividade espiritual, unidade, parte.

personalidades, tipos de distribuição da energia psíquica, de que necessitam socialmente. Um mundo em que a **técnica** ocupa uma posição tão decisiva como acontece atualmente, gera **pessoas tecnológicas**, afinadas com a técnica. Isto tem a sua racionalidade boa: em seu plano mais restrito elas serão menos influenciáveis, com as correspondentes consequências no plano geral. Por outro lado, na relação atual com a técnica existe algo de **exagerado, irracional, patogênico**. Isto se vincula ao **“véu tecnológico”**. Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens. Os meios, e a técnica é um conceito de meios dirigidos à autoconservação da espécie humana, são **fetichizados**, porque os fins, uma vida humana digna, encontram-se encobertos e desconectados da consciência das pessoas. Afirmações gerais como estas são até convincentes. Porém tal hipótese ainda é excessivamente abstrata. Não se sabe com certeza como se verifica a fetichização da técnica na psicologia individual dos indivíduos, onde está o ponto de transição entre uma relação racional com ela e aquela supervalorização, que leva, em última análise, quem projeta um sistema ferroviário para conduzir as vítimas a Auschwitz com maior rapidez e fluência, a esquecer o que acontece com estas vítimas em Auschwitz. No caso do tipo com tendências à **fetichização da técnica, trata-se simplesmente de pessoas incapazes de amar**. Isto não deve ser entendido num sentido sentimental ou moralizante, mas denotando a carente relação libidinal com outras pessoas. Elas são inteiramente **frias** e precisam **negar também em seu íntimo a possibilidade do amor**, recusando de antemão nas outras pessoas o seu amor antes que o mesmo se instale. A capacidade de amar, que de alguma maneira sobrevive, eles precisam aplicá-la aos meios. As personalidades preconceituosas e vinculadas à autoridade com que nos ocupamos em *Authoritarian Personality*, em Berkeley, forneceram muitas evidências neste sentido. Um sujeito experimental – e a própria expressão já é do repertório da consciência coisificada – afirmava de si mesmo: *“I like nice equipment”* (Eu gosto de equipamentos, de instrumentos bonitos), independentemente dos equipamentos em questão. **Seu amor era absorvido por coisas, máquinas enquanto tais**. O perturbador, porque torna tão desesperançoso atuar contrariamente a isso, é que esta tendência de desenvolvimento encontra-se vinculada ao conjunto da civilização. **Combatê-lo significa o mesmo que ser contra o espírito do mundo**; e desta maneira apenas repito algo que apresentei no começo como sendo o aspecto mais obscuro de uma educação contra Auschwitz.

Afirmar que aquelas pessoas eram **frias** de um modo peculiar. Aqui vêm a propósito algumas palavras acerca da frieza. Se ela não fosse um traço básico da antropologia, e, portanto, da constituição humana como ela realmente é em nossa sociedade; **se as pessoas não fossem profundamente**

indiferentes em relação ao que acontece com todas as outras, executando o punhado com que mantêm **vínculos** estreitos e possivelmente por intermédio de alguns interesses concretos, então Auschwitz não teria sido possível, as pessoas não o teriam aceito. Em sua configuração atual, e provavelmente há milênios, a sociedade não repousa em atração, em simpatia, como se supôs ideologicamente desde **Aristóteles**, mas na **persecução dos próprios interesses frente aos interesses dos demais**. Isto se sedimentou do modo mais profundo no caráter das pessoas. O que contradiz, o impulso grupal da chamada *lonely crowd*, da massa solitária, na verdade constitui uma reação, um enturmar-se de pessoas frias que não suportam a própria frieza mas nada podem fazer para alterá-la. **Hoje em dia qualquer pessoa, sem exceção, se sente mal-amada, porque cada um é deficiente na capacidade de amar**. A incapacidade para a identificação foi sem dúvida a condição psicológica mais importante para tornar possível algo como Auschwitz em meio a pessoas mais ou menos civilizadas e inofensivas. O que se chama de “participação oportunista” era, antes de qualquer coisa, interesse prático: perceber antes de tudo a sua própria vantagem e não dar com a língua nos dentes para não se prejudicar. Esta é uma lei geral do existente. O silêncio sob o terror era apenas a consequência disto. A frieza da **mônada** social, do concorrente isolado, constituía, enquanto indiferença frente ao destino do outro, o pressuposto para que apenas alguns raros se mobilizassem. Os algozes sabem disto; e repetidamente precisam se assegurar disto.

Não me entendam mal. Não quero pregar o amor. Penso que sua pregação é vã: ninguém teria inclusive o direito de pregá-lo, porque a deficiência de amor, repito, é uma deficiência de *todas* as pessoas, sem exceção, nos termos em que existem hoje. Preguar o amor pressupõe naqueles a quem nos dirigimos outra estrutura do caráter, diferente da que pretendemos transformar. **Pois as pessoas que devemos amar, são elas próprias, incapazes de amar e, por isto, nem são tão amáveis assim. Um dos grandes impulsos do cristianismo, a não ser confundido com o dogma, foi apagar a frieza que tudo penetra**. Mas esta tentativa fracassou; possivelmente porque não mexeu com a ordem social que produz e reproduz a frieza. Provavelmente até hoje nunca existiu aquele calor humano que todos almejamos, a não ser durante períodos breves e em grupos bastante restritos, e talvez entre alguns selvagens pacíficos. Os utópicos frequentemente ridicularizados perceberam isto. **Charles Fourier**, por exemplo, definiu a atração como algo ainda por ser constituído por uma ordem social digna de um ponto de vista humano. **Também reconheceu que esta situação só seria possível quando os instintos não fossem mais reprimidos, mas satisfeitos e liberados**. Se existe algo que pode ajudar contra a frieza como condição da desgraça, então trata-se do conhecimento dos próprios pressupostos desta, bem como da tentativa de trabalhar previamente no plano individual contra

Música



<https://gpo.gj/v/dmf>

■ Diversidade (2010)
Autor: Lenine

Diversidade

Se foi pra diferenciar
Que Deus criou a diferença
Que irá nos aproximar
Intuir o que Ele pensa
Se cada ser é só um
E cada um com sua crença
Tudo é raro, nada é comum
Diversidade é a sentença

Que seria do adeus
Sem o retorno
Que seria do nu
Sem o adorno
Que seria do sim
Sem o talvez e o não
Que seria de mim
Sem a compreensão

Que a vida é repleta
E o olhar do poeta
Percebe na sua presença
O toque de Deus
A vela no breu
A chama da diferença

A humanidade caminha
Atropelando os sinais
A história vai repetindo
Os erros que o homem traz
O mundo segue girando
Carente de amor e paz
Se cada cabeça é um mundo
Cada um é muito mais

Que seria do caos
Sem a paz
Que seria da dor
Sem o que lhe apraz
Que seria do não
Sem o talvez e o sim
Que seria de mim...
O que seria de nós

Que a vida é repleta
E o olhar do poeta
Percebe na sua presença
O toque de Deus
A vela no breu
A chama da diferença

Televisão/Documentário



<https://goo.gl/30hw95>

■ Educação.doc – Escola do Futuro – Episódio 5
 Como será a Escola do Futuro?
 Neste episódio, os cineastas acendem os holofotes para uma importante reflexão: como será a escola daqui a 50 anos? Quem responde são professores, alunos, diretores e pensadores.

“as pessoas ainda não se encontravam psicologicamente preparadas para a autodeterminação. Elas não se revelaram à altura da liberdade com que foram presenteadas de repente.”

Vídeo/YouTube



<https://goo.gl/0FE4mx>

■ As cores das flores
 Uma criança cega precisa escrever uma redação sobre as cores das flores. O vídeo mostra o desafio do menino para conseguir cumprir a tarefa.

Animação



<https://goo.gl/p4rk04>

■ Ex-E.T - Não somos todos iguais
 Afirmação da diversidade.

esses pressupostos. Agrada pensar que a chance é tanto maior quanto menos se erra na infância, **quanto melhor são tratadas as crianças**. Mas mesmo aqui pode haver ilusões. Crianças que não suspeitam nada da crueldade e da dureza da vida acabam por ser particularmente expostas à barbárie depois que deixam de ser protegidas. Mas, sobretudo, não é possível mobilizar para o calor humano pais que são, eles próprios, produtos desta sociedade, cujas marcas ostentam. O apelo a dar mais calor humano às crianças é artificial e, por isto, acaba negando o próprio calor. Além disto, o amor não pode ser exigido em relações profissionalmente intermediadas, como entre professor e aluno, médico e paciente, advogado e cliente. Ele é algo direto e contraditório com relações que em sua essência são intermediadas. **O incentivo ao amor**, provavelmente na forma mais imperativa, de um dever, constitui ele próprio, parte de uma **ideologia que perpetua a frieza**. Ele combina com o que é impositivo, opressor, que atua contrariamente à capacidade de amar. **Por isto, o primeiro passo seria ajudar a frieza a adquirir consciência de si própria, das razões pelas quais foi gerada.**

Para terminar gostaria ainda de discorrer brevemente a respeito de algumas possibilidades de conscientização dos mecanismos subjetivos em geral, sem os quais Auschwitz dificilmente aconteceria. O conhecimento desses mecanismos é uma necessidade; da mesma forma também o é o conhecimento da defesa estereotipada, que bloqueia tal consciência. **Quem ainda insiste em afirmar que o acontecido nem foi tão grave assim, já está defendendo o que ocorreu, e sem dúvida seria capaz de assistir ou colaborar se tudo acontecesse de novo.** Mesmo que o esclarecimento racional não dissolva diretamente os mecanismos inconscientes, conforme ensina o conhecimento preciso da psicologia, ele ao menos fortalece na pré-consciência determinadas instâncias de resistência, ajudando a criar um clima desfavorável ao extremismo. Se a consciência cultural em seu conjunto fosse efetivamente perpassada pela premonição do caráter patogênico dos traços que se revelaram com clareza em Auschwitz, talvez as pessoas tivessem evitado melhor aqueles traços.

Além disso, **seria necessário esclarecer quanto à possibilidade de haver outro direcionamento para a fúria ocorrida em Auschwitz.** Amanhã pode ser a vez de outro grupo que não os judeus, por exemplo **os idosos, que escaparam por pouco no Terceiro Reich, ou os intelectuais, ou simplesmente alguns grupos divergentes.** O clima, e quero enfatizar esta questão, mais favorável a um tal ressurgimento é o **nacionalismo ressurgente**. Ele é tão raivoso justamente porque nesta época de comunicações internacionais e de blocos supranacionais já não é mais tão convicto, obrigando-se ao exagero desmesurado para convencer a si e aos outros que ainda têm substância.

De qualquer modo, haveria que mostrar as possibilidades concretas da resistência. Por exemplo, a história dos assassinatos por eutanásia, que acabaram não sendo cometidos na dimensão pretendida pelos nazistas na Alemanha, graças à resistência manifestada. A resistência limitava-se ao próprio grupo; e justamente este é um sintoma bastante notável e amplo da frieza geral. Além de tudo, porém, ela é limitada também em face da insaciabilidade presente no princípio das perseguições. Em última instância, qualquer pessoa não pertencente ao grupo perseguidor pode ser atingida; portanto, existe um interesse egoísta drástico a que se poderia apelar. Enfim, seria necessário indagar pelas condições específicas, históricas, das perseguições. Em uma época em que o nacionalismo é antiquado, os chamados movimentos de renovação nacional são, ao que tudo indica, particularmente sujeitos a práticas sádicas.

Finalmente, o centro de toda educação política deveria ser que **Auschwitz não se repita**. Isto só será possível na medida em que ela se ocupe da mais importante das questões sem receio de contrariar quaisquer potências. Para isto teria de se transformar em **sociologia**, informando acerca do jogo de forças localizado **por trás da superfície das formas políticas**. Seria preciso tratar criticamente um conceito tão respeitável como o da razão de Estado, para citar apenas um modelo: na medida em que colocamos o direito do Estado acima do de seus integrantes, o terror já passa a estar potencialmente presente.

Em Paris, durante a emigração, quando eu ainda retornava esporadicamente à Alemanha, certa vez Walter Benjamin me perguntou se ali ainda havia algozes em número suficiente para executar o que os nazistas ordenavam. Havia. Apesar disto a pergunta é profundamente justificável. Benjamim percebeu que, ao contrário dos assassinos de gabinete e dos ideólogos, as pessoas que **executam** as tarefas agem em contradição com seus próprios interesses imediatos, são assassinas de si mesmas na medida em que assassinam os outros. Temo que será difícil evitar o reaparecimento de assassinos de gabinete, por mais abrangentes que sejam as medidas educacionais. Mas que haja pessoas que, em posições subalternas, enquanto serviçais, façam coisas que perpetuam sua própria servidão, tornando-as indignas; que continue a haver **Bojeis e Kaduks**, contra isto é possível empreender algo mediante a educação e o esclarecimento.

Animação



<https://goco.gl/40EElX>

■ O Monge e o Macaco

Animação perspicaz que retrata bem os desafios internos e os valores humanos no processo de aprendizagem.

“A ditadura perfeita terá as aparências de uma democracia, uma prisão sem muros na qual os prisioneiros não sonharão sequer com a fuga. Um sistema de escravidão onde, graças ao consumo e divertimento, os escravos terão amor à sua escravidão.”

(Aldous Huxley)

Animação



<https://goco.gl/Tc75W>

■ A Lua

Permitir ao outro ser como ele é, sem impor o nosso modo de pensar e de ser.

“Isto não deve ser entendido num sentido sentimental ou moralizante, mas denotando a carente relação libidinal com outras pessoas. Elas são inteiramente frias e precisam negar também em seu íntimo a possibilidade do amor, recusando de antemão nas outras pessoas o seu amor antes que o mesmo se instale.”

(Theodor Adorno)

■ A FILOSOFIA NO ENEM E NOS VESTIBULARES (SARTRE, LIBERDADE E EXISTENCIALISMO)

1. (ULBRA/2016) Leia o texto a seguir e responda à questão.

“Eram filhas de pequenos camponeses e artesãos, e tinham apelidos como Felicité Vai-de-bom-coração ou Maria Cabeça-de-pau. A maioria era muito jovem, como Ana Quatro-vinténs, que se alistou aos 13 anos, e aos 16 servia na artilharia montada. As irmãs Fernig, com 17 e 22 anos, foram exceções: eram nobres e combateram vestidas de homem no Exército do general Dumouriez (1739-1823), na fronteira da atual Bélgica. Fora da batalha, passeavam com roupas de mulher e carabina ao ombro. Tornaram-se heroínas nacionais.”

(MORIN, Tânia Machado. Mulheres lutaram ao lado dos homens pelos ideais revolucionários, enfrentando também o preconceito. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br>>.)

A citação aponta para:

- I. O caráter complexo da Revolução Francesa e a pluralidade de gênero e classes entre seus participantes.
- II. A ação do movimento feminista liderado por Simone de Beauvoir e ratificado por Jean-Paul Sartre.
- III. As convicções de Michel Foucault, em *Vigiar e Punir*, no tocante aos projetos estratégicos das revoltas no início da História Contemporânea.

Está(ão) CORRETA(S):

- a) Somente a I.
- b) I e II.
- c) I e III.
- d) II e III.
- e) I, II e III.

2. (UEG/2016) Leia o texto a seguir.

No atual estado da técnica militar, precisa-se de uma centena de viaturas e mais de cem toneladas de obuses para romper de modo certo a resistência oferecida em um único quilômetro, por um único batalhão bem entrincheirado e com cobertura de arame.

(SARTRE, Jean-Paul. *Diário de uma guerra estranha*. São Paulo: Circulo do Livro, s/d. p. 97.)

A Segunda Guerra Mundial foi marcada por grandes batalhas, envolvendo o exército dos Aliados e do Eixo. Nem sempre a quantidade de armamentos e tropas representava o fator determinante. Dessas batalhas, aquela em que as condições climáticas foram decisivas para a vitória militar foi a Batalha

- a) de Berlim, na qual os soviéticos derrotaram definitivamente os alemães.
- b) de Pearl Harbour, na qual os japoneses atacaram de surpresa uma base norte-americana.
- c) de Stalingrado, na qual o Exército Vermelho conseguiu derrotar a *Wehrmacht*.
- d) da Inglaterra, na qual a *Royal Air Force* britânica resistiu eficazmente ao poderio da *Luftwaffe*.
- e) da França, na qual a *Blitzkrieg* alemã rompeu facilmente a *Linha Maginot*.

3. (MACKENZIE/2000) As ideias e a produção dos filósofos Hebert Marcuse e Jean-Paul Sartre e do cineasta Jean-Luc Godard, entre outros, ganharam corpo e se irradiam. O mundo ganha nova dimensão do comportamento, na música, na poesia. Afirma-se a geração do protesto e do inconformismo. No final da década de 60, os quadros mentais tradicionais estão rompidos.

NÃO se relaciona com o período abordado no texto:

- a) a revolução sexual, fruto da superação de velhos conceitos de família que encobriam dimensões fundamentais das relações entre as pessoas.
- b) a *pop art*, arte popular urbana, que visava expressar a sociedade de consumo e a cultura de massas.
- c) o movimento das minorias através do entendimento de que se constituem, em verdade, maiorias e o movimento negro pela cidadania.
- d) o movimento estudantil, colocando em discussão todo um sistema de valores; a alienação, o preconceito do mundo capitalista e o burocratismo e dogmatismo do mundo socialista.
- e) a campanha pelos Direitos Humanos na América Latina dirigida pelo presidente Kennedy, dos Estados Unidos, através da qual não se dava ajuda financeira aos países envolvidos com a violação desses direitos.

4. (MACKENZIE/1997) O filósofo francês Jean-Paul Sartre, falecido em 1980, foi convocado para servir ao exército ao eclodir a Segunda Guerra Mundial. Ele registrou em um diário:

“(...) tenho vergonha de confessar, começo a esperar o fim da guerra. Oh, é uma crença imaginária, eu a espero como durante o inverno de 38 esperava o fim da paz, sem acreditar. Mas, afinal, estou tão deslocado da guerra como em 38-39 estava deslocado da paz.”

(J. P. Sartre, Diário de uma Guerra Estranha)

Destaque os acontecimentos ocorridos antes da ofensiva alemã, que levaram o filósofo, em 38-39, a sentir-se deslocado da paz.

- a) A assinatura do Pacto Anti-Komintern e a realização da Conferência de Potsdam.
- b) A formação da Liga das Nações e a invasão da URSS.
- c) A Conferência de Munique e o Pacto de Não Agressão Nazi-Soviético.
- d) A Conferência de Yalta e a divisão da Alemanha.
- e) O rompimento dos acordos de paz de Brest-Litowsky e a consolidação de duas superpotências.

5. (FAAP/1997) Francês, filósofo existencialista. Autor de *A Náusea*, *Os Caminhos da Liberdade*, *As Mãos do Diabo*, *O Ser e o Nada*.

- a) J. P. Sartre
- b) Pasteur
- c) Rousseau
- d) Voltaire
- e) Lavoisier

6. (UPF/2014) É incrível – prossegue Cícero Branco, enquanto Barcelona lhe puxa repetidamente pela manga do casaco, como se lhe quisesse dizer algo – que só agora que estou morto e decomposto é que ousou dizer-vos estas coisas. Será que a verdade fede e é só da mentira que se evolvem os doces perfumes da vida? Será que o famoso poço da lenda em cujo fundo se esconde a verdade, é feito de lodo e podridão?

O Prof. Libindo Olivares cobra coragem, afasta por um momento do nariz e da boca o lenço com que se defende dos miasmas dos mortos, e pergunta:

– Mas que é a Verdade?

Cícero Branco fita no professor suas pupilas mortas e responde, sorrindo:

– Não me venhas com essa paródia de Jesus diante de Pilatos, meu inefável paranoico! Estou falando na verdade com *v* minúsculo. E você sabe o que é a verdade? Não sabe porque vive numa mentira crônica. Falsa é a sua moral. Falsa a sua cultura. Falsa a sua proclamada amizade e correspondência com celebridades mundiais como Sartre, Mauriac, o Papa... sei lá mais quem! Seu latim é de ginasiano. Seu grego, mitológico. Sua cultura, um produto de leituras das *Seleções do Reader's Digest*.

(ERICO VERISSIMO – *Incidente em Antares*)

Assinale a afirmação **INCORRETA** em relação ao texto e ao romance do qual foi extraído.

- Este texto faz parte da narrativa fantástica de um julgamento público feito por mortos insepultos, desmascarando as falsidades morais e culturais de uma cidade gaúcha.
- Este texto faz parte da narrativa realista de um julgamento célebre, que efetivamente ocorreu numa cidade gaúcha, na década de 1960, durante o governo do presidente João Goulart.
- O “incidente” insólito, protagonizado pelos mortos, é situado, pelo romance, no período de crise política e social da década de 1960, no Brasil.
- O advogado Cícero Branco, personagem que, em vida, serviu aos poderosos da sua cidade, precisou morrer para ganhar a coragem de denunciar as mentiras e injustiças cometidas por eles.
- O professor Libindo Olivares é uma caricatura que desvela, principalmente no plano da cultura, a mentira constituinte da sociedade que o romance representa.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

— Mas que Humanitas é esse?

— Humanitas é o princípio. Há nas coisas todas certa substância recôndita e idêntica, um princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível, — ou, para usar a linguagem do grande Camões:

Uma verdade que nas coisas anda,

Que mora no visível e invisível.

Pois essa sustância ou verdade, esse princípio indestrutível é que é Humanitas.

Assim lhe chamo, porque resume o universo, e o universo é o homem. Vais entendendo?

— Pouco; mas, ainda assim, como é que a morte de sua avó...

— Não há morte. O encontro de ditas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra

vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

(ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 648-649.)

7. (INSPER/2013) As imagens abaixo fazem parte do game “Filosofighters”. Inspirado em jogos de lutas, ele propõe uma batalha verbal entre importantes filósofos. Nele os argumentos dos pensadores valem como golpes, conforme se verifica na ilustração abaixo.

! VALE-TUDO NO VALE-TUDO?

ARISTÓTELES X SARTRE

O GOLPE BAIXO DO EXISTENCIALISMO!

Somos realmente livres? Dois filósofos testam todos os limites da liberdade.

- Aristóteles dizia que o homem é livre, desde que não tenha obstáculos para exercer a liberdade. Ou seja, assim como no vale-tudo não vale furar olho, o homem é livre só dentro das regras.
- Mas Jean-Paul Sartre contra-ataca: para ele, somos tão livres, que podemos até escolher furar as regras, porque podemos nos responsabilizar pelas consequências e ser punidos. Quer dizer, furo nos zóio do Aristóteles.

★★★★ A LUTA DO BOM CONTRA O MAU ★★★★★

ROUSSEAU X HOBBS

O homem nasce bom e a sociedade o estraga? Ou a espécie humana não tem jeito?

O BOM SELVAGEM CONTRA O MONSTRO LEVIATÁ!

- Na floresta, o homem era bom e vivia da natureza, sem guerras. Até que alguém criou a propriedade privada e a sociedade. Daí para frente, ficamos competitivos e egoístas. Pelo menos é o que dizia Jean-Jacques Rousseau.
- Mas Thomas Hobbes acaba de vez com a luta: para ele, a competição e a noção de que o mais forte vence são inerentes da natureza humana. Por isso, não poderíamos ter criado um mundo sem brigas.

interdial®

(Adaptado: <http://super.abril.com.br/blogs/newsgames/tag/filosofighters/>)

Relacione as teorias dos pensadores citados ao excerto de Machado de Assis. Por defender posição similar, infere-se que, no jogo, o “filósofo” Quincas Borba **NÃO** poderia ser adversário de

- a) Aristóteles, pois, ao definir a paz como “destruição” e a guerra como “conservação”, Quincas Borba recupera a ideia de que “o homem é livre só dentro de regras”.
- b) Jean-Paul Sartre, pois, assim como o filósofo existencialista, o mentor do Humanitismo mostra que a necessidade de alimentação determina a obediência ou a violação às regras.
- c) Hobbes, pois a tese do Humanitismo reafirma a ideologia do autor de *Leviatã*, entendendo que o estado natural é o conflito.
- d) Rousseau, pois defende os mesmos princípios do filósofo iluminista, mostrando que, embora pareça ser uma solução, a guerra traz grandes prejuízos à humanidade.
- e) nenhum dos pensadores citados, pois Quincas Borba, ao contrário deles, prevê um destino promissor para a humanidade.

8. (UEG/2013) A expressão “Tudo o que é bom, belo e justo anda junto” foi escrita por um dos grandes filósofos da humanidade. Ela resume muito de sua perspectiva filosófica, sendo uma das bases da escola de pensamento conhecida como

- a) cartesianismo, estabelecida por Descartes, no qual se acredita que a essência precede a existência.
- b) estoicismo, que tem no imperador romano Marco Aurélio um de seus grandes nomes, que pregava a serenidade diante das tragédias.
- c) existencialismo, que tem em Sartre um de seus grandes nomes, para o qual a existência precede a essência.
- d) platonismo, estabelecida por Platão, no qual se entendia o mundo físico como uma imitação imperfeita do mundo ideal.

9. (UFSJ/2013) “Liberdade significa, em sentido próprio, a ausência de oposição [...] e não se aplica menos às criaturas irracionais e inanimadas do que às racionais”.

Esse é um fragmento de texto colhido de

- a) David Hume.
- b) Thomas Hobbes.
- c) Friedrich Nietzsche.
- d) Jean-Paul Sartre.

10. (UFSJ/2013) “Os leitores de jornais dizem: este partido foi destruído devido a esta ou aquela falta que cometeu. Minha política superior contesta: um partido que comete esta ou aquela falta agoniza, não possui a segurança do instinto.”

Esse comentário é emblemático e foi proferido por

- a) Joaquim Barbosa, ao condenar cinco réus na sua primeira leitura no escândalo político do mensalão, que assombra o país desde 2005.
- b) Friedrich Nietzsche, ao buscar a explicação para o erro da confusão entre a causa e o efeito.
- c) Jean-Paul Sartre, referindo-se ao partido comunista do início do século XX.
- d) Thomas Hobbes, ao defender o unipartidarismo absoluto.

11. (UNIOESTE/2013) “Quando dizemos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe a si próprio; mas com isso queremos também dizer que, ao escolher-se a si próprio, ele escolhe todos os homens. Com efeito, não há de nossos atos um sequer que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos que deve ser. Escolher isto ou aquilo é afirmar ao mesmo tempo o valor do que escolhemos, porque nunca podemos escolher o mal, o que escolhemos é sempre o bem, e nada pode ser bom para nós sem que o seja para todos. Se a existência, por outro lado, precede a essência e se quisermos existir, ao mesmo tempo em que construímos a nossa imagem, esta imagem é válida para todos e para a nossa época. Assim, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, porque ela envolve toda a humanidade”.

(Sartre)

Considerando o texto citado e o pensamento sartreano, é **INCORRETO** afirmar que

- a) o valor máximo da existência humana é a liberdade, porque o homem é, antes de mais nada, o que tiver projetado ser, estando “condenado a ser livre”.
- b) totalmente posto sob o domínio do que ele é, ao homem é atribuída a total responsabilidade pela sua existência e, sendo responsável por si, é também responsável por todos os homens.
- c) o existencialismo sartreano é uma moral da ação, pois o homem se define pelos seus atos e atos, por excelência, livres, ou seja, o “homem não é nada além do conjunto de seus atos”.
- d) o homem é um “projeto que se vive subjetivamente”, pois há uma natureza humana previamente dada e predefinida, e, portanto, no homem, a essência precede a existência.
- e) por não haver valores preestabelecidos, o homem deve inventá-los através de escolhas livres, e, como escolher é afirmar o valor do que é escolhido, que é sempre o bem, é o homem que, através de suas escolhas livres, atribui sentido a sua existência.

12. (UEM/2013) “Para Sartre, principal representante do existencialismo francês, só as coisas e os animais são ‘em si’, isto é, teriam uma essência. O ser humano, dotado de consciência, é um ‘ser-para-si’, ou seja, é também consciência de si. Isso significa que é um ser aberto à possibilidade de construir ele próprio sua existência. Por isso, é possível referir-se à essência de uma mesa (...) ou à essência de um animal (...), mas não existe uma natureza humana encontrada de forma igual em todas as pessoas, pois ‘o ser humano não é mais que o que ele faz’.”

(ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. *Temas de filosofia*. 3. ed. revista. São Paulo: Moderna, 2005. p. 39.)

Com base na citação e nos seus conhecimentos sobre o existencialismo, assinale o que for **CORRETO**.

- 01) As coisas e os animais não têm consciência de si.
- 02) O ser em si não pode ser senão aquilo que é, ao passo que, ao ser-para-si, é permitida a liberdade de ser o que fizer de si.
- 04) A consciência humana é um fator histórico e contingente.
- 08) O homem possui uma natureza preestabelecida.
- 16) O existencialismo é uma metafísica de concepção essencialista.

13. (UFSJ/2013) “Não que acreditemos que Deus exista; pensamos antes que o problema não está aí, no da sua existência [...] os cristãos podem apelidar-nos de desesperados”.

Essa afirmação revela o pensador

- a) Thomas Hobbes, defendendo o seu pensamento objetivo de que “o homem deve ser tomado como um elemento de construção da monarquia”.
- b) Nietzsche, perseguindo o direito do homem de tomar posse do seu reino animal e da sua superação e de reconduzir-se às verdades implícitas nele próprio.
- c) Jean-Paul Sartre, desenvolvendo um argumento, no qual chega à conclusão de que o existencialismo é um otimismo.
- d) David Hume, criticando as clássicas provas a favor da existência de Deus.

14. (UFU/2013) Para J.P. Sartre, o conceito de “para-si” diz respeito

- a) a uma criação divina, cujo agir depende de princípio metafísico regulador.
- b) apenas à pura manutenção do ser pleno, completo, da totalidade no seio do que é.
- c) ao nada, na medida em que ele se especifica pelo poder nadificador que o constitui.
- d) a algo empastado de si mesmo e, por isso, não se pode realizar, não se pode afirmar, porque está cheio, completo.

15. (UEM/2013) “‘Se Deus não existisse, tudo seria permitido’. Eis o ponto de partida do existencialismo. De fato, tudo é permitido se Deus não existe, e, por conseguinte, o homem está desamparado porque não encontra nele próprio nem fora dele nada a que se agarrar. (...) Com efeito, se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada ou definitiva; ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. Por outro lado, se Deus não existe, não encontramos, já prontos, valores ou ordens que possam legitimar a nossa conduta. Assim, não teremos nem atrás de nós, nem na nossa frente, no reino luminoso dos valores, nenhuma justificativa e nenhuma desculpa. Estamos sós, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre.”

(SARTRE, J. P. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução de Rita Correia Guedes. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 9.)

Com base no excerto citado, assinale o que for CORRETO.

- 01) O existencialismo é uma filosofia teológica que procura a razão de ser no mundo a partir da moral estabelecida.
- 02) A afirmação “o homem está condenado a ser livre” é uma contradição, pois não há liberdade onde há a obrigação de ser livre.
- 04) O existencialismo fundamenta a liberdade, independentemente dos valores e das leis da sociedade.
- 08) Ser livre significa, rigorosamente, ser, pois não há nada que determine o ser humano, a não ser ele mesmo.
- 16) A existência de Deus é necessária, pois, sem ele, o homem deixaria de ser livre.

16. (UFSJ/2013) Na obra *O existencialismo é um humanismo*, Jean-Paul Sartre intenta

- a) desenvolver a ideia de que o existencialismo é definido pela livre escolha e valores inventados pelo sujeito a partir dos quais ele exerce a sua natureza humana essencial.
- b) mostrar o significado ético do existencialismo.
- c) criticar toda a discriminação imposta pelo cristianismo, através do discurso, à condição de ser inexorável, característica natural dos homens.
- d) delinear os aspectos da sensação e da imaginação humanas que só se fortalecem a partir do exercício da liberdade.

17. (UFU/2012) Leia o excerto abaixo e assinale a alternativa que relaciona CORRETAMENTE duas das principais máximas do existencialismo de Jean-Paul Sartre, a saber:

- I. “a existência precede a essência”
- II. “estamos condenados a ser livres”

Com efeito, se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva; ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. Por outro lado, se Deus não existe, não encontramos já prontos, valores ou ordens que possam legitimar a nossa conduta. [...] Estamos condenados a ser livres. Estamos sós, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz.

(SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. 3. ed. S. Paulo: Nova Cultural, 1987.)

- a) Se a essência do homem, para Sartre, é a liberdade, então jamais o homem pode ser, em sua existência, condenado a ser livre, o que seria, na verdade, uma contradição.
- b) A liberdade, em Sartre, determina a essência da natureza humana que, concebida por Deus, precede necessariamente a sua existência.
- c) Para Sartre, a liberdade é a escolha incondicional, à qual o homem, como existência já lançada no mundo, está condenado, e pela qual projeta o seu ser ou a sua essência.
- d) O Existencialismo é, para Sartre, um Humanismo, porque a existência do homem depende da essência de sua natureza humana, que a precede e que é a liberdade.

18. (UNIOESTE/2012) “O que significa aqui o dizer-se que a existência precede a essência? Significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define. O homem, tal como o concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeiramente não é nada. Só depois será alguma coisa e tal como a si próprio se fizer. (...) O homem é, não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após este impulso para a existência; o homem não é mais que o que ele faz. (...) Assim, o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo o homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade de sua existência. (...) Quando dizemos que o homem se escolhe a si, queremos dizer que cada um de nós se escolhe a si próprio; mas com isso queremos também dizer que, ao escolher-se a si próprio, ele escolhe todos os homens. Com efeito, não há de nossos atos um sequer que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos que deve ser”.

(Sartre)

Considerando a concepção existencialista de Sartre e o texto acima, é **INCORRETO** afirmar que

- a) o homem é um projeto que se vive subjetivamente.
- b) o homem é um ser totalmente responsável por sua existência.
- c) por haver uma natureza humana determinada, no homem a essência precede a existência.
- d) o homem é o que se lança para o futuro e que é consciente deste projetar-se no futuro.
- e) em suas escolhas, o homem é responsável por si próprio e por todos os homens, porque, em seus atos, cria uma imagem do homem como julgamos que deve ser.

19. (UFSJ/2012) Sobre a interferência de Jean-Paul Sartre na filosofia do século XX, é CORRETO afirmar que ele

- a) reconhece a importância de Diderot, Voltaire e Kant e repercute a interferência positiva destes na noção de que cada homem é um exemplo particular no universo.
- b) faz a inversão da noção essencialista ao apregoar que o Homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo e só após isso se define. Assim, não há natureza humana, pois não há Deus para concebê-la.
- c) inaugura uma nova ordem político-social, segundo a qual o Homem nada mais é do que um projeto que se lança numa natureza essencialmente humana.
- d) diz que ser ateu é mais coerente apesar de reconhecer no Homem uma *virtu* que o filia, definitivamente, a uma consciência *a priori* infinita.

20. (UFSJ/2012) A angústia, para Jean-Paul Sartre, é

- a) tudo o que a influência de Schopenhauer determina em Sartre: a certeza da morte. O Homem pode ser livre para fazer suas escolhas, mas não tem como se livrar da decrepitude e do fim.
- b) a nadificação de nossos projetos e a certeza de que a relação Homem X natureza humana é circunstancial, objetiva, e pode ser superada pelo simples ato de se fazer uma escolha.
- c) a certificação de que toda a experiência humana é idealmente sensorial, objetivamente existencial e determinante para a vida e para a morte do Homem em si mesmo e em sua humanidade.
- d) consequência da responsabilidade que o Homem tem sobre aquilo que ele é, sobre a sua liberdade, sobre as escolhas que faz, tanto de si como do outro e da humanidade, por extensão.

21. (IFSP/2011) Ao defender as principais teses do Existencialismo, Jean-Paul Sartre afirma que o ser humano está condenado a ser livre, a fazer escolhas e, portanto, a construir seu próprio destino. O pressuposto básico que sustenta essa argumentação de Sartre é o seguinte:

- a) A suposição de que o homem possui uma natureza humana, o que significa que cada homem é um exemplo particular de um conceito universal.
- b) A compreensão de que a vida humana é finita e de que o homem é, sobretudo, um ente que está no mundo para a morte.
- c) A ideia de que a existência precede a essência e, por isso, o ser humano não está predeterminado a nada.
- d) A convicção de que o homem está desamparado e é impotente para mudar o seu destino individual.
- e) A ideia de que toda pessoa tem um potencial a realizar, desde quando nasce, mas é livre para transformar ou não essa possibilidade em realidade.

22. (UFSJ/2011) Sartre define o entendimento de que a existência precede a essência como:

- a) “a compreensão de que o inferno são os outros e de que, assim, o Homem que se alcança diretamente pelo *cogito* descobre também todos os outros homens”.
- b) “a compreensão dos conceitos de angústia, descompasso, má-fé e desespero”.
- c) “que na verdade, para o existencialista, não existe amor essencial, senão aquele que se constrói na perspectiva da escolástica”.
- d) “o significado de que o Homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define”.

23. (UEMA/2011) O tema da liberdade é discutido por muitos filósofos. No existencialismo francês, Jean-Paul Sartre, particularmente, compreende a liberdade enquanto escolha incondicional.

Entre as afirmações abaixo, a única que está de acordo com essa concepção de liberdade humana é:

- a) O homem primeiramente tem uma essência divinizada e depois uma existência manifestada na história de sua vida.
- b) O homem não é mais do que aquilo que a sociedade faz com ele.
- c) O homem primeiramente existe porque sendo consciente é um ser em si e para o outro.
- d) O homem é determinado por uma essência superior, que é o Deus da existência, pois, primeiramente não é nada.
- e) O homem primeiramente não é nada. Só depois será alguma coisa e tal como a si próprio se fizer.

24. (UEAP/2011) “A existência precede a essência.” O que melhor define esta frase do filósofo francês Sartre?

- a) Primeiro o homem existe, depois se define.
- b) O homem é o que ele concebe e não o que ele faz.
- c) O homem é “em si” e não “para si”.
- d) A vida de um homem está ligada a sua essência.
- e) A vida humana é totalmente determinada por Deus.

25. (UFU/2011) Jean-Paul Sartre (1905-1980) encontrou um motivo de reflexão sobre a liberdade na obra de Dostoiévski *Os irmãos Karamazov*: “se Deus não existe, tudo é permitido”. A partir daí teceu considerações sobre esse tema e algumas consequências que dele podem ser derivadas.

[...] tudo é permitido se Deus não existe e, por conseguinte, o homem está desamparado porque não encontra nele próprio nem fora dele nada a que se agarrar. Para começar, não encontra desculpas. [...] Estamos sós, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz.

(SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 9. [Coleção “Os Pensadores”].)

Com base em seus conhecimentos sobre a filosofia existencialista de Sartre e nas informações acima, assinale a alternativa CORRETA.

- a) Porque entende que somos livres, Sartre defendeu uma filosofia não engajada, isto é, uma filosofia que não deve se importar com os acontecimentos sociais e políticos de seu tempo.
- b) Para Sartre, a angústia decorre da falta de fé em Deus e não do fato de sermos absolutamente livres ou como ele afirma “o homem está condenado a ser livre”.
- c) As ações humanas são o reflexo do equilíbrio entre o livre-arbítrio e os planos que Deus estabelece para cada pessoa, consistindo nisto a verdadeira liberdade.
- d) Para Sartre, as ações das pessoas dependem somente das escolhas e dos projetos que cada um faz livremente durante a vida e não da suposição da existência e, portanto, das ordens de Deus.

■ GABARITO

Resposta da questão 1: [A]

Somente a alternativa [A] está correta. A questão aponta para a questão de gênero, a participação das mulheres no processo histórico como, por exemplo, durante a Revolução Francesa, 1789-1799. As mulheres chegaram a redigir a “Declaração Universal dos Direitos da Mulher e da Cidadã” para fazer um contraponto à elaboração da “Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão”.

Resposta da questão 2: [C]

A questão faz referência à Segunda Guerra Mundial, 1939-1945, apontando para o fato de que nem sempre a superioridade bélica de um exército lhe garante a vitória; devem ser considerados os aspectos naturais como aconteceu ao longo da Batalha de Stalingrado, em 1943, quando o general inverno russo, que já tinha arruinado as tropas napoleônicas, dizimou tropas nazistas.

Resposta da questão 3: [E]

Resposta da questão 4: [C]

Resposta da questão 5: [A]

Resposta da questão 6: [B]

O livro *Incidente em Antares* é uma obra ficcional, próxima do gênero realismo fantástico. Sendo assim, não há compromisso com a realidade nem muito menos foi inspirada em algum fato real.

Resposta da questão 7: [C]

Hobbes e Quincas Borba não poderiam ser adversários, pois ambos defendem a tese de que o conflito é inerente à natureza humana. Assim, é correta a opção [C].

Resposta da questão 8: [D]

Falta para a questão uma referência bibliográfica apropriada.

A filosofia de Platão é resultado de um trabalho de reflexão intenso e extenso, de modo que as questões durante os inúmeros diálogos por ele escritos são respondidas de maneiras distintas. Porém, Platão possui uma questão de fundo que se refere ao problema da identidade – resquício da tradição conflituosa de Parmênides e Heráclito –, a saber: o que é, é sempre idêntico a si mesmo ou é sempre distinto? O mundo verdadeiro é uma totalidade sempre permanente ou uma totalidade sempre efêmera? A concepção sobre Ideias que Platão formula atende, em geral, a essas questões e busca demonstrar como o sensível apesar de expor uma realidade impermanente, possui um fundamento permanente. As Ideias são verdadeiras, a realidade sensível é apenas uma aparência passageira dessa realidade.

Resposta da questão 9: [B]

Liberdade, no entender de Hobbes, é ausência de obstáculos externos às ações que contribuem para a preservação da vida. De acordo com o Capítulo XIV do *Leviatã*, a liberdade é um direito e opõe-se à lei. Estamos diante da condição humana, isto é, diante do estado natural, no âmbito dos apetites e dos desejos primários do homem, e não diante de alguma qualidade intrínseca específica do homem.

Resposta da questão 10: [B]

O partido comete a falta porque já estava primeiramente destruído. A verdadeira educação moral leva à segurança do instinto. Seguindo o corpóreo como fio condutor, Nietzsche crê descrever o processo fisiológico mesmo. E isso em vista da *espiritualização da paixão*, como se essa decorresse naturalmente dos processos fisiológicos. Com o conceito de espiritualização ele retorna ao problema da moral numa moralização afirmadora. A vontade de poder como moral pode ser compreendida como uma moralização positiva dos impulsos, do instinto.

Resposta da questão 11: [D]

O homem está condenado à liberdade. Durante sua vida, ele não pode deixar de escolher, e ao fazer escolhas ele irá sempre escolher aquilo que considera o melhor. Desse modo, o homem ao se posicionar também posiciona todos os outros homens, pois define, juntamente com a sua escolha, quem são seus semelhantes e dessemelhantes. Se a sua posição não considerar isto, então ela criará confrontos dos quais foi desde sua primeira escolha responsável. Assim, em cada escolha nos responsabilizamos pela humanidade que escolhemos.

Resposta da questão 12: 01 + 02 = 03.

Sartre diz que o ser em-si e o ser para-si possuem características mutuamente exclusivas; todavia, a vida do homem combina ambas. Aí se encontra a ambiguidade ontológica da nossa existência. O em si é sólido, idêntico a si mesmo, passivo, inerte; já o para si é fluido, diferente de si mesmo, ativo, dinâmico. O primeiro apenas é, o segundo é sua própria negação. De maneira mais concreta podemos dizer que um é “facticidade” e o outro é “transcendência”. Os dados da nossa situação como falantes de certa língua, ambientados em certo entorno, fazendo escolhas e sendo em si constituem nossa “facticidade”. Como indivíduos conscientes “transcendemos” isso que é dado. Ou seja, somos situados, porém na direção da indeterminação. Somos sempre mais do que a situação na qual estamos e isso é o fundamento ontológico de nossa liberdade. Estamos, como Sartre diz, condenados a ser livres.

Resposta da questão 13: [C]

A crítica cristã ao existencialismo é evidentemente direcionada ao seu ateísmo. Todos nós conhecemos a máxima de Dostoiévski: “se Deus não existe, então tudo é permitido”, e sabemos que ela é aceita por Sartre. Em contrapartida, a Igreja acusa o existencialismo de provocar uma distorção da realidade, de suprimir valores divinos que são eternos e inquestionáveis, de propor que cada um poderia agir livre sem valores para guiar sua ação, pois o homem é incapaz de julgamento justo sobre coisas alheias, afinal o indivíduo fecha-se em sua subjetividade.

Todavia, é importante ressaltar que o existencialismo garante uma abertura e cria um vínculo de responsabilidade absoluta entre o sujeito e as ações que ele realiza. O valor

de uma decisão está no fato de ter sido escolhida pelo sujeito. O homem, livre, escolhe seus valores e se responsabiliza por suas escolhas. O existencialismo é, então, otimista, pois proporciona que cada indivíduo escolha e siga seus próprios ideais, verdadeiramente seus e dos quais pode responsabilizar-se totalmente.

Resposta da questão 14: [C]

O homem é uma entidade que combina características mutuamente exclusivas, a saber, o ser para-si e o ser em-si. O ser em-si se diz pela identidade, pela inércia, já o ser para-si se diz pela diferença, pela dinâmica, isto é, o ser para-si depende da negação do ser em-si. Dessa maneira, a essência, ou seja, aquilo que define a identidade, não garante a exposição daquilo que é livre. Isso que é livre apenas é não sendo aquilo que lhe define circunstancialmente. O homem sendo livre é um projeto, um vir a ser dependente da sua escolha à qual está condenado a realizar devido a sua condição fundamental.

Para uma noção geral do existencialismo sartreano: <http://vimeo.com/62380957> (vídeo retirado do canal oficial da CPFL/Cultura)

Resposta da questão 15: 04 + 08 = 12

Para Sartre todo agente possui naturalmente liberdade ilimitada. Essa afirmação pode parecer confusa, pois observamos corriqueiramente nossas limitações. Não possuímos liberdade ilimitada para fazermos tudo o que desejamos, nem fisicamente nem socialmente. Porém, essas limitações são dados que o ser para-si como transcendência supera, isto é, através da conscientização de uma situação nos movemos para além dela. A fundamentação ontológica da liberdade é justamente este fato de que o homem está situado, porém sempre é mais do que esta situação. Desse modo, podemos escolher livremente, espontaneamente e sem motivos fundamentais, durante nossas vidas, entre, por exemplo, aceitar as nossas condições sociais precárias ou modificar estas condições; entretanto, a consequência dessa escolha livre sempre será significativa ao ser para-si. De tal modo que a liberdade é escolher, todavia nunca deixar de não escolher e sempre se responsabilizar pela escolha.

Para uma noção geral: <http://www.youtube.com/watch?v=Z2XPHjSYBfw>

Resposta da questão 16: [B]

A escolha, na concepção sartreana, se refere à vida e esta é a expressão de um projeto que se desdobra no tempo. Esse projeto não é algo próprio do qual se pode ter um conhecimento óbvio, sendo assim o projeto é uma interpretação possível e as escolhas específicas de um indivíduo são, portanto, temporais, derivações de um projeto original desenrolado temporalmente.

Esse desenrolar é descrito pela ontologia de Sartre. Nesta ele diz que o ser em-si e o ser para-si possuem características mutuamente exclusivas, todavia a vida do homem combina ambas. Aí se encontra a ambiguidade ontológica da nossa existência. O em-si é sólido, idêntico a si mesmo, passivo, inerte; já o para-si é fluido, diferente de si mesmo, ativo, dinâmico. O primeiro apenas é, o segundo é sua própria negação. De maneira mais concreta podemos dizer que um é “facticidade” e o outro é “transcendência”. O dado da nossa situação como falantes de certa língua, ambientados em certo entorno, nossas escolhas prévias e nós mesmo enquanto em-si constituem nossa “facticidade”. Como indivíduos conscientes “transcendemos” isso que é dado. Ou seja, somos situados, porém na direção da indeterminação. Somos sempre mais do que a situação na qual estamos e isso é o fundamento ontológico de nossa liberdade. Estamos, como Sartre diz, condenados a ser livres.

Então, o existencialismo é um humanismo, pois é a única doutrina que abre totalmente a possibilidade de escolha ao homem. Se Deus não existe e a existência precede a essência, isto é, o homem não é nada até que ele livremente se defina durante sua vida, então o ser possui fundamentalmente liberdade. O ser aparece no mundo e depois se define; não há natureza humana preconcebida por Deus. O homem é um lançar-se para um futuro, é se projetar conscientemente no futuro. Desse modo, o existencialismo deve pôr o homem no interior de sua existência e lhe atribuir a total responsabilidade por suas escolhas.

Resposta da questão 17: [C]

O homem é uma entidade que combina características mutuamente exclusivas, a saber, o ser para-si e o ser em-si. O ser em-si se diz pela identidade, pela inércia, já o ser para-si se diz pela diferença, pela dinâmica, isto é, o ser para-si depende da negação do ser em-si. Dessa maneira, a essência, ou seja, aquilo que define a identidade, não garante a exposição daquilo que é livre. Isso que é livre apenas é não sendo aquilo que lhe define circunstancialmente. O homem sendo livre é um projeto, um vir a ser dependente da sua escolha à qual está condenado a realizar devido a sua condição fundamental.

Resposta da questão 18: [C]

A alternativa [C] é justamente o inverso do que defende Sartre. Segundo ele, a existência precede a essência e não há nada que define o homem de maneira *a priori*.

Resposta da questão 19: [B]

O existencialismo de Jean-Paul Sartre afirma que o homem primeiro existe e depois se define. Isso significa dizer que não há uma natureza humana que determina o que ele deve ou não deve ser. O próprio homem que deve ser responsável por si. Sendo assim, somente a alternativa [B] está correta.

Resposta da questão 20: [D]

A angústia é uma consequência da responsabilidade do homem em seu estado de inalienável liberdade. O homem nasce como um ser condenado a ser livre e, portanto, responsável por tudo o que faz e escolhe, tanto em relação a si, quanto em relação à humanidade.

Resposta da questão 21: [C]

O existencialismo ateu de Sartre não admite a existência de Deus. Portanto, não há nada que defina o homem antes de sua existência, nada que o preceda. O homem primeiro existe, se descobre e apenas depois se define. Desse modo, fica evidente que Sartre recusa qualquer tipo de determinismo e, assim, afirma que o homem é livre e responsável por todas as suas escolhas. A alternativa C, logo, é a única correta.

Resposta da questão 22: [D]

A única citação que diz respeito ao existencialismo de Sartre é a [D]. Ali está uma explicação que Sartre faz em *O existencialismo é um humanismo* sobre o que significa considerar que a existência precede a essência.

Resposta da questão 23: [E]

Segundo Jean-Paul Sartre, antes que o homem defina a sua essência, ele existe. Nesse sentido, ele não é determinado por nada existente fora dele. Dentre as alternativas [C] e [E], as únicas plausíveis, somente [E] é verdadeira. O ser humano não é um ser em si, mas um ser para si. Pois isso é que ele não tem essência definida. O conceito de liberdade, portanto, está relacionado com essa possibilidade do homem de escolher o caminho que deve seguir. É por isso que o filósofo francês afirmava que “o homem está condenado a ser livre”.

Resposta da questão 24: [A]

Jean-Paul Sartre, filósofo do século XX, é famoso pela sua frase “a existência precede a essência”. Nesta está presente a base do seu existencialismo, segundo o qual o homem se constitui antes da sua essência. Primeiro existe o homem, depois ele se define.

Resposta da questão 25: [D]

Se o homem fosse um ser cheio, total e pleno, como uma essência definida, ele não poderia ter nem consciência por estar ser um espaço aberto a múltiplos conteúdos, nem liberdade, uma vez que representa a possibilidade de escolha e, por intermédio desta, o homem constrói a si mesmo e torna-se responsável pelo que faz, portanto, condenado a ser livre.

Para Sartre, se o homem não expressasse esse “vazio de ser”, sua consciência já estaria pronta, acabada, definida e fechada e, neste caso, jamais poderia expressar sua liberdade, pois estaria preso à realidade estática do ser pleno, do ser-em-si. Por isso, não podemos falar em Sartre de uma existência cuja natureza humana é previamente determinada, porque não criou a si mesmo (*“Estamos sós, sem desculpas”*), assim, um dos valores fundamentais da condição humana é, segundo o próprio Sartre, a liberdade e é exercendo-a em situações concretas que o homem se move e conhece a incerteza cuja produção dos sentidos o impulsiona a ultrapassar certos limites. Sartre nos diz: *“A liberdade é o fundamento de todos os valores. O homem é aquilo que ele faz de si mesmo”*.

